



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

RAILANI SANTOS GONÇALVES

**NAS TRAMAS DA MEMÓRIA: Trajetórias de vida de trabalhadores da Indústria
Têxtil de Picos-PI (1975-2013)**

PICOS-PI

2014

RAILANI SANTOS GONÇALVES

**NAS TRAMAS DA MEMÓRIA: Trajetórias de vida de trabalhadores da Indústria
Têxtil de Picos-PI (1975-2013)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Rodrigo Gerolineto Fonseca

PICOS-PI

2014

G635n Gonçalves, Railani Santos.

Nas tramas da memória: trajetórias de vida de trabalhadores da indústria têxtil de Picos-PI (1975-2013). / Railani Santos Gonçalves.

55p.

Orientador: Ms. Rodrigo Gerolineto Fonseca.
Monografia (graduação) – Universidade Federal do Piauí, 2014.

1. Trabalhadores 2. Trabalho 3. Indústria
4 Experiências 5. Memórias I. Título

CDD: 361.2

PARA CITAR ESTE DOCUMENTO:

GONÇALVES, Railani Santos. **Nas tramas da memória:** trajetórias de vida de trabalhadores da indústria têxtil de Picos-PI (1975-2013). Monografia (graduação), Universidade Federal do Piauí. Picos: UFPI, 2013.

RAILANI SANTOS GONÇALVES

**NAS TRAMAS DA MEMÓRIA: Trajetórias de vida de trabalhadores da indústria
têxtil de picos (1975-2013)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Rodrigo Gerolineto Fonseca

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Rodrigo Gerolineto Fonseca

Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro
Examinador 1

Prof. Ms. Ana Paula Cantelli Castro
Examinador 2

PICOS-PI

2014

Aos meus pais e aos meus irmãos, que me deram motivos e forças para concluir esse sonho tão esperado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais José Joaquim Gonçalves e Lêda Raimunda dos Santos Gonçalves pelo apoio, carinho, preocupação, dedicação, cobranças, expectativas e sonhos que depositaram em mim.

Aos meus irmãos Rubens e Robson, pelo amor e carinho, pelas demonstrações de preocupação com minhas conquistas e tristezas.

Agradeço especialmente ao professor e orientador Rodrigo Geronileto pela paciência e empenho com o qual tratou os assuntos referentes a este trabalho, apontando perspectivas e dividindo experiências, que me fez acreditar quando nem mesmo eu acreditava que poderia realizar esse trabalho.

A todos os professores do curso, pelo esforço e dedicação. Em especial à Professora Marylu Alves, Nilsângela Cardoso, Gleison Monteiro e Ana Paula, pela indicação de leituras que foram importantes para o amadurecimento dessa pesquisa.

Meus companheiros de turma nessa jornada, em especial à Míriam, com a qual construímos mais que uma grande relação de afetividade, esteve comigo em todos os momentos em que precisei, incentivando-me e ajudando sempre. Minha amiga Andréia, que em momentos de aflição foi a quem mais recorri e me deu seu ombro amigo. Cláudia, Evandro, Itamar, Joseano, Ana Priscila, Lucimar, Lívia, José Paulo, Maria do Carmo, Rauênia, Edmar, Sivanilson, Adson, João Neto, obrigado pelos momentos de companheirismo. Enfim, a todos da turma de História de 2009.

Sou muito grata ao colega do curso, Francisco (Chiquinho) por me ajudar a conseguir as fontes jornalísticas para a realização desse trabalho.

Agradeço a Erik, por ter me apoiado em todos os momentos: alegres, tristes, estressantes, de desânimo e ansiedade.

Aos meus amigos (as) Rafael, Márcia, Raylla, Lucas, Mércia, Verônica, Artur, Ederson, Wesley, Thasmany, Karlane, Francigeuma, Paula, Nathália, Rozanna, Isabela. Pelas lágrimas e risos compartilhados em tantos anos de convivência. Agradeço por entenderem os momentos de aflição e de ausência e acima de tudo por acreditarem sempre em mim.

Agradeço a Zenílio, pela paciência, pelos anos de espera em que estive ausente. Obrigado por compreender a distância. E por te me amado sempre.

Agradeço, por fim, aos trabalhadores da Indústria Têxtil de Picos-PI, protagonistas do nosso trabalho, que me receberam gentilmente em suas casas e se dispuseram a contar sobre suas histórias de vida e de trabalho.

Obrigado a todos por estarem na minha vida e motivarem a não me entregar sem escrever a história desses trabalhadores.

RESUMO

O presente trabalho analisa experiências e memórias de trabalhadores da indústria têxtil de Picos-PI. A chegada da primeira indústria têxtil na cidade de Picos na década de 1970 trouxe expectativas de vida e de trabalho para a população picoense. Os jornais divulgaram com positividade os índices de produtividade dos anos iniciais. No entanto, a crise financeira que ocorreu no ano de 1990, levou a fábrica ao arrendamento e em 2011 ao seu fechamento. Usando o diálogo com as narrativas dos trabalhadores, buscamos entender como era a região de Picos a partir das memórias dos mesmos. Assim, entender como as alterações em suas vidas foram ocorrendo no âmbito do trabalho e os sentidos que deram à suas inserções na produção fabril. Através do método/técnica da História Oral procuramos compreender como os trabalhadores significam este processo e explicam a experiência cotidiana de trabalhar na indústria, expressando suas subjetividades e visões de mundo. Os entrevistados informaram ainda como são criadas as estratégias de sobrevivência, as resistências, em meio a situações muitas vezes conflituosas, mas que se estabelecem na busca de oportunidades para si e para a família.

Palavras-chave: Trabalhadores; Trabalho; Indústria; Experiências; Memórias.

ABSTRACT

The present paper examines experiences and memories of the textile industry workers of Picos-PI. The arrival of the first textile industry in the town of Picos in the 1970 brought expectations of life and work for the merchant population. The papers released with positivity productivity indices from the ' initials. However, the financial crisis that occurred in the year of 1990, led to the factory and lease in 2011 at its closure. Using the dialogue with workers ' narratives, we seek to understand how was the region of peaks from the memories of them. So, how to understand how changes in their lives were occurring in the work and the directions they gave their insertions at industrial production. Through the method/technique of Oral history we seek to understand how workers mean this process and explain the everyday experience of working in the industry, expressing their subjectivities and worldviews. Respondents reported yet how are created the strategies of survival, resistance, amid often conflicting situations, but that settle in search of opportunities for himself and his family.

Keywords: Workers; Labor; Industry; Experiences; Memories.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| 1 TRABALHO E TRABALHADORES: memórias, histórias e vivências | 14 |
| 2 TRABALHADORES E COTIDIANO FABRIL TÊXTIL | 30 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 49 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 52 |
| ANEXOS A – Relação dos trabalhadores entrevistados..... | 54 |

INTRODUÇÃO

Uma das minhas tias materna, certo dia levou-me para conhecer de perto seu local de trabalho. Com o bom relacionamento que tinha com os colegas de trabalho, a entrada não foi difícil. Não me recordo bem o ano, mas a Indústria Coelho já havia sido arrendada para a “Pedra, fiação e tecelagem”. Lembro-me que entrei no setor em que ela trabalhava, mais especificamente o da fiação, setor no qual a maioria dos trabalhadores eram mulheres, assim como conheci outras partes da fábrica. Nesse setor era um barulho incessante de várias máquinas trabalhando ao mesmo tempo e algodão se entrelaçando. Após sair do local, fiquei imaginando como as pessoas poderiam suportar trabalhar num lugar com barulho tão intenso. O enfoque dos trabalhadores têxteis foi parte de uma escolha. Assim como também me reconheci na fala dos entrevistados, vendo experiências compartilhadas por minha família. A maioria mesmo com o emprego formal da indústria ainda mantinha vínculos com o meio rural, cultivando verduras e gêneros básicos da alimentação como arroz, milho e feijão.

Conhecer de perto o cotidiano desses trabalhadores que dedicaram parte de sua vida ao trabalho fabril têxtil foi uma experiência única, foi possível encontrar uma heterogeneidade de vivências, de formas diferentes de encarar a realidade vivida. Como foi uma visita rápida, não foi possível manter um diálogo com esses trabalhadores, mas despertou um interesse em conhecer melhor as experiências desses sujeitos históricos no cotidiano da indústria têxtil. Interesse este que no curso de História da UFPI (Universidade Federal do Piauí) se firmou como temática escolhida, apesar de haver uma diversidade de outras temáticas para o trabalho de conclusão de curso. As singularidades desses trabalhadores despertaram-me o interesse enquanto historiadora, em investigar e procurar entender o contexto em que esses sujeitos estão inseridos.

Lembrei-me também da minha primeira experiência com o mundo do trabalho formal, no ano de 2010, enquanto estudante do curso de História, em que passei a trabalhar durante o dia e estudar a noite. Foi uma experiência marcante. Muitas vezes chegava atrasada na sala de aula, dormia durante a aula, o que me prejudicava em relação à leitura e compreensão dos textos. Muitos dos meus colegas também se encontravam na mesma situação. Logo percebi que o trabalho é o ponto central na vida de muitas pessoas.

Nesta pesquisa, interessou-me pensar as experiências dos trabalhadores da Indústria Têxtil, as relações sociais inseridas nesse contexto, problematizar as experiências desses trabalhadores enquanto sujeitos, visto que muito se fala sobre a fábrica, enfatiza-se sobre o

marco, os fundadores, a estrutura, e de fato, a fábrica se faz presente na fala desses sujeitos de forma direta ou indireta, enfatizam que a cidade não tinha muitas escolhas, foi seu primeiro emprego, era uma melhor opção de trabalho. Dessa forma, a história que pretendemos contar aqui é sobre pessoas que dedicaram parte de sua vida à rotina fabril, preenchendo os silêncios que foram deixados sobre esses trabalhadores. Uma reflexão que propõe questionamentos. Qual era o tamanho do mundo do trabalhador? Qual era o seu papel social em Picos antes da indústria? Qual sua autoimagem e a imagem que a sociedade projetava sobre o trabalhador da indústria? Quais eram as expectativas dos trabalhadores em relação à fábrica?

Inicialmente procurei descrever o perfil das pessoas a serem entrevistadas, como idade, sexo, cargo e tempo de permanência na empresa, e a elaborar o roteiro de questões de acordo com o objetivo da pesquisa. Em seguida, tive o contato inicial com as pessoas que se dispuseram a colaborar para que suas histórias fossem registradas. E assim dei início às atividades, realizando as entrevistas. Para tanto, foram entrevistadas cinco pessoas entre o período do final de julho e início de setembro de 2013. A escolha se deu em uma busca heterogênea da categoria, foram selecionados, homens e mulheres de idades superiores a 40 anos, que experimentaram diferentes condições de trabalho, moradia ou grau de escolaridade. A abordagem se dá através das memórias desses trabalhadores que estiveram presentes nos primeiros anos da instalação da Indústria Coelho em Picos e os significados que os mesmos atribuem as suas vivências.

Eles me identificaram por meio da minha família, a maioria conhecia minhas relações de parentesco, logo me tratavam pela neta de “*dona Raimunda*”, sobrinha “*de Eleneuda*”. A partir do momento em que me apresentei com o objetivo de entrevistá-los, construímos uma relação de proximidade e passei a tratá-los como “*seu Jonas*” e não por “*senhor Jonas*” devido à intimidade adquirida no uso recorrente em nosso cotidiano. Dessa forma foi possível manter um diálogo, à medida que iam contando sobre sua experiência de vida e de trabalho.

Para a entrevista com um dos trabalhadores pude voltar ao espaço têxtil, onde muitos trabalhadores constituíram suas histórias de vida e de trabalho. Este trabalhador é o senhor Raimundo Holanda, que mesmo após o fechamento da indústria, fiscaliza e inspeciona o restante das máquinas e imóveis que ainda se encontram na indústria atualmente. Ao andar pela fábrica hoje na companhia de um antigo trabalhador, percebemos que os espaços construídos e vivenciados pelos trabalhadores continuam preservados em suas memórias. Com uma narrativa expressa de boa vontade, ele vai descrevendo o antigo local de trabalho: “*Aqui era o banheiro, ali era a sala dos encarregados... mais a frente era onde ficavam as*

máquinas”. Lugares de memória que quando narrados pelos trabalhadores nos permitem pensar como constituíram modos de vida.

As fontes que utilizei foram os relatos orais de trabalhadores, assim como o jornal que circulava na época, a saber: Jornal Macambira, em diversas edições. As edições que discuto referem-se ao ano de 1977, aos meses de outubro/dezembro de 1978, setembro de 1979 e julho de 1982.

As narrativas orais e as reflexões sobre o que diferenciam a história oral estiveram presentes na pesquisa e escrita deste trabalho. O trabalho com as fontes orais constitui-se em uma experiência muito significativa. Foi possível entender as experiências de trabalhadores que se dispuseram a contar sobre suas vidas, seus sonhos, suas angústias, enfim, sobre sua trajetória de vida. As formulações de Alessandro Portelli¹ e de Yara Khoury² sobre a metodologia da história oral foram base para a problematização da memória e da subjetividade de cada trabalhador.

As reflexões elaboradas por Alessandro Portelli foram referência para a compreensão a respeito de como o pesquisador deve utilizar as fontes orais. De acordo com o autor, a subjetividade de cada sujeito expressa significados, expectativas e “*campos de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias*”.³ Assim, quando narrada, a experiência traz consigo atos interpretativos do presente e do passado e esses por sua vez, são fatos relevantes para o historiador.

Nesse sentido, foram importantes os apontamentos de Yara Aun Khoury sobre o lidar com a memória como campo de disputa e como história e memória se cruzam e interagem nas problemáticas sociais. Nesse sentido, nosso objetivo foi compreender os *significados atribuídos a esse passado no momento presente dessas pessoas*.⁴

Ao enfatizar as vivências dos trabalhadores recorreremos à reflexão de Edward P. Thompson⁵, sobre a formação da classe operária inglesa no final do século XVIII e no século XIX, o qual escreveria sobre os que são esquecidos, as vivências, as aspirações, enfim, as histórias de vida dos trabalhadores dentro e fora da fábrica, a maneira de ser, trabalhar e ver o mundo a partir das experiências destes. Nesse sentido, buscamos interpretar as experiências

¹ PORTELLI, A. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro: vol. 1, nº. 2, 1996

² KOURY, Yara. “O Historiador, as fontes orais e a escrita da história”. In MACIEL, Laura Antunes(etall)**Outras história: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho D’Água, 2006.

³ PORTELLI, A. Op. cit. P. 72.

⁴ KOURY, Yara Op. cit. P. 33.

⁵ THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. I V. p.10

dos trabalhadores em seu próprio fazer-se histórico, expressando suas subjetividades e visões de mundo.

Ao analisar as experiências desses trabalhadores frente às mudanças exigidas com o trabalho fabril, novos hábitos, a noção do tempo do trabalho e maior intensificação na rotina, buscamos a reflexão de Thompson⁶ sobre o tempo e a disciplina do trabalho na sociedade inglesa no século XVIII.

No que diz respeito à Indústria Coelho S/A, ela foi um dos grandes projetos do grupo Coelho na década de 1970. A indústria foi apontada pelo jornal da época como “*a maior indústria do Piauí*”⁷, encontrando-se em atividade desde o ano de 1975. No ano de 1990, período considerado de queda da produtividade em relação aos anos anteriores, passa a ser arrendada para a “Pedra Fiação e Tecelagem”. Segundo Marli Costa Alves, a Indústria Coelho S/A nunca deixou de existir no papel, o que houve foi uma transferência de obrigações comerciais⁸. Somente no ano de 2011 é que houve de fato o seu fechamento.

Dessa forma, a unidade da Indústria Coelho na cidade de Picos foi o ponto de partida para que chegássemos ao que de fato nos interessa: a dinâmica das relações sociais dos trabalhadores têxteis. Seguimos um caminho, a partir de um olhar do presente, para que dialogássemos com as experiências de vida dos sujeitos históricos da indústria. É nesse processo que podemos perceber nas narrativas presenciadas, a construção de uma auto-imagem dos trabalhadores, numa trama que confunde o momento em que estão vivendo, com suas origens e trajetórias⁹.

No primeiro capítulo, com o olhar voltado para as transformações do mundo do trabalho, discutimos as relações de trabalho em meados dos anos 70. Nosso intuito foi perceber como os trabalhadores apresentam suas perspectivas de vida e de trabalho construídos no presente em que estão inseridos. A partir disso, abordamos algumas questões referentes às experiências e os sentidos que os trabalhadores da região de Picos-PI davam à vida antes da indústria. Pelos relatos orais podemos reconstituir a cidade de Picos nesse

⁶ THOMPSON, E.P. Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. In: **Costumes em comum**. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 267-30.

⁷ Jornal Macambira. Julho de 1982.

⁸ ALVES, Marli Costa. **História e memória das Indústrias Coelho SA: labor e cotidiano dos operários de Picos (1970-1999)**. 2012 Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal do Piauí.

⁹ ALMEIDA, Paulo Roberto. “Cada um tem um sonho diferente”: histórias e narrativas de trabalhadores na luta pela terra. In MACIEL, Antunes P. et al. (org.) **Outras história: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho D’Água, 2006. P45-60.

momento. Ao mesmo tempo é possível interpretar como a relação no ambiente fabril foi vivida e interpretada por esses trabalhadores. Questões que se direcionam às escolhas, dificuldades, conflitos, que emergem na memória de cada trabalhador, que instigam a refletir como os indivíduos elaboram e reelaboram suas experiências de vida, a partir de um determinado presente, com a fábrica fechada há dois anos.

No segundo capítulo, já tendo uma maior compreensão das trajetórias de vida e de trabalho desses sujeitos, com base em sua inserção na indústria, são discutidas as memórias dos trabalhadores no cotidiano dentro e fora da fábrica, nas suas vivências de tensão, de conflitos, de resistências e de estratégias, enfim, a percepção dos trabalhadores sobre o trabalho na indústria, o que representou para eles essas novas práticas. Enfatizei as condições de trabalho experimentadas pelos trabalhadores no ambiente fabril, visto que sua experiência foi mediada pelos discursos de positivação, que buscavam conceber a indústria como fator civilizador e assim os trabalhadores e a própria cidade deveriam se adaptar aos novos interesses econômicos. A seguir, buscamos refletir como a partir da intensificação e exploração da força de trabalho esses trabalhadores construíram estratégias de resistência para driblar o controle na fábrica. Foi feito ainda, uma breve discussão sobre a mudança de gerenciamento na fábrica e como isso afetou a vida dos trabalhadores, em que muitos foram demitidos e outros permaneceram mesmo com as mudanças, na intenção de entender o grau de importância que o trabalho formal tinha em suas vidas e como passaram a se ver diante da saída da fábrica.

1 TRABALHO E TRABALHADORES: memórias, histórias e vivências

*Que vantagem tem o trabalhador naquilo em que trabalha? (...) O homem não pode alcançar a obra que se faz debaixo do sol; por mais que trabalhe o homem para a buscar, não a achará; e, ainda que diga o sábio que a virá conhecer, nem por isso a poderá alcançar.
Eclesiastes I (3 e 8)*

Na análise e interpretação das mudanças observadas nas relações de trabalho nas últimas décadas, particularmente depois de meados dos anos 70, o “*Mundo do Trabalho*” vivenciou diversas transformações, que baseadas no desenvolvimento tecnológico,¹⁰ atingiram em diferentes maneiras e grau de intensidade a classe trabalhadora, sem que isto implique necessariamente, em sua completa extinção. Nos termos de Ricardo Antunes, “*enquanto perdurar o modo de produção capitalista, não se pode concretizar a eliminação do trabalho como fonte criadora de valor*”¹¹. O entendimento das mudanças no mundo do trabalho reflete, para Antunes, uma análise da totalidade dos elementos constitutivos desse cenário, visto que ocorreram mutações intensas, com consequências no interior do mundo do trabalho e particularmente no movimento operário e sindical.

Ricardo Antunes, com base em Marx, fala da importância da categoria trabalho na realização do ser social. Não o trabalho assalariado, fetichizado, mas àquele que é inerente à atividade humana, “*necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio entre homem e natureza*”. Para Antunes:

O trabalho é, portanto, um momento efetivo de colocação de finalidades humanas, dotado de intrínseca dimensão teleológica. E como tal, mostra-se como uma experiência elementar da vida cotidiana, nas respostas que oferece aos carecimentos e necessidades sociais.¹²

Dessa forma iremos observar como os trabalhadores da Indústria Coelho S/A organizam suas vidas tendo o trabalho como elemento essencial. Com o trabalho tem-se a chance de construir a casa, criar dignamente os filhos e sonhar com uma vida melhor. Abordaremos algumas questões referentes às experiências e sentidos que esses sujeitos davam à vida antes da indústria, a partir de suas trajetórias de vida e de trabalho.

¹⁰ANTUNES, R. **As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital**. Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 03 de Novembro de 2013.

¹¹_____. **Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a Afirmação e a Negação do Trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999. P. 58.

¹² Idem. P167- 168.

Rinaldo Varussa¹³ também nos ajuda a compreender esse processo de transformações no mundo do trabalho. O autor discute algumas mudanças no mundo dos trabalhadores e interpretadas pela bibliografia, observando a partir das maneiras como aquele processo foi vivido e interpretado por metalúrgicos da região de Jundiaí-SP. Partindo de suas trajetórias de vida procura interpretar elementos que se constituíam como fundantes da integração destes metalúrgicos. Entender como esses trabalhadores se firmaram em relação à produção fabril de um dos setores de ponta da economia brasileira da segunda metade do século XX, assim como as rejeições forjadas por eles a partir de suas trajetórias na categoria metalúrgica.

Em outro artigo, Rinaldo Varussa¹⁴ procura entender a partir de expectativas, sonhos e reivindicações de catadores de papel a inserção desses trabalhadores nesse ramo de atividade. O autor contrapõe situações de vida e de trabalho, na intenção de acentuar os embates vividos no cotidiano pelos catadores de papel e algumas maneiras como padrões e perspectivas de vida e de trabalho que se constroem no presente. Dessa forma, como nos inspira Varussa, os relatos devem ser considerados como práticas que expressam valores, modos de vida, experiências compartilhadas no conjunto das relações sociais, vividas também enquanto tensões e disputas de sujeitos que compartilham histórias, num ambiente comum: o local de trabalho.

E. P. Thompson¹⁵ nos seus estudos sobre o mundo do trabalho, apresenta-o como ferramenta intelectual de grande valor para o manejo dos acontecimentos existentes no cenário social em transformação. Desse modo, sua orientação redimensiona a percepção dos espaços de convivência como algo dinâmico, que não pode ser imobilizado em um determinado momento, pois se trata de um lugar em que existem pessoas vivendo em contextos reais, com atuações humanas compartilhadas por meio de experiências comuns, articulando *determinada* identificação de seus interesses em contradição com os interesses de outros que os diferem.

Além disso, como assinala Cruz, com as novas abordagens historiográficas, as temáticas do trabalho e da cidade entram em cena, colocando em destaque as indagações

¹³ VARUSSA, Rinaldo José. **Construindo identificações com a empresa e com o trabalho:** trabalhadores metalúrgicos da região de Jundiaí-SP (décadas de 1960 a 2000). Disponível em: <http://www.estudosdotrabalho.org/texto/gt7/construindo.pdf>. Acessado em 07 de Agosto de 2013.

¹⁴ _____. Catadores de papel em Marechal Cândido Rondon, PR. Memórias, narrativas, experiências de vida e de trabalho. In MACIEL, Antunes. (etall.) **Outras história: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho D'Água, 2006.

¹⁵ THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa:** A árvore da liberdade, 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, v. 1, p. 9-10.

sobre o estudo das práticas e das experiências dos sujeitos, assim, como o interesse pela categoria dos trabalhadores, tematizando as experiências sociais de homens, mulheres e jovens, em diferentes situações históricas¹⁶. Os estudos voltam-se para os modos de trabalhar e sobreviver dos trabalhadores em geral, o que implica investigar também sobre os modos de morar, alimentar e organizarem-se. A transformação que acontece é no sentido de perceber que as experiências de exploração e os significados culturais que lhes são conferidos fazem os trabalhadores sujeitos da sua história, com um protagonismo que antes era pouco presente na historiografia.

Neste sentido, interessa-nos refletir sobre como os trabalhadores vivenciaram e vivenciam tais mudanças no mundo do trabalho. Compreender a trajetória dos trabalhadores da Indústria Coelho S/A que habitaram Picos na década de 1970. Suas origens, suas expectativas sobre o trabalho e a cidade permitem-nos perceber a adequação, a resistência, a recusa, as mudanças de hábitos, os valores e os costumes. Situações que contribuíram e contribuem para a formação desses trabalhadores como sujeitos históricos, como afirma Thompson: portadores de uma consciência forjada em sua experiência social¹⁷, nos diversos contextos e situações que fazem parte de seu modo de vida.

Para iniciarmos essa tarefa procuramos reconstituir como era a região de Picos através das narrativas orais desses sujeitos, discutindo e analisando as interpretações desses trabalhadores acerca de suas experiências vivenciadas tanto no campo quanto na cidade. É interessante também observar como esses trabalhadores constroem explicações e sentidos do trabalho, já que são os principais envolvidos e os que vivenciam no cotidiano as disputas e embates.

De primeiro você se entocava dentro de uma roça vea lá, que de primeiro era panha de algodão, quebra de milho, tudo serviço pesado, vestia uma roupa no começo da semana, só ia tirar no outro começo da semana, não tinha dinheiro pra comprar um desodorante, não tinha dinheiro pra comprar nada.

Essa é a lembrança de Seu Jonas Teixeira, natural de Picos, de 61 anos de idade, que morando no povoado Malhada Grande, exercia atividades rurais no local, antes da entrada na fábrica. Podemos supor que o trabalho na roça era uma possibilidade de sobreviver, que se impunha cotidianamente a milhares de trabalhadores de Picos e região. O pai de seu Jonas

¹⁶CRUZ, Heloísa Faria. PEIXOTO, Maria do Rosário. KHOURY, Yara Aun. Introdução. *In*: MACIEL, Antunes; (etall) **Outras história: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho D'Água, 2006. P. 9-22.

¹⁷ THOMPSON. E. P. *Op.cit.* p. 11

possuía terras próximas ao local onde moravam e juntamente com sua família plantavam e colhiam gêneros alimentícios para sobrevivência tais como milho, feijão e arroz. Assim como criavam alguns animais como gado e galinhas, chegando a arrendar pedaços de terras em períodos de chuva.

No caso do seu Jonas, o uso das mesmas roupas diariamente evidencia não apenas sua condição social, mas o meio de vida de muitos sujeitos que se identificam nesse trabalho, em seu dia a dia na lavoura, uma relação tão comum na região. Certamente, sua condição financeira era insuficiente para compra de uma maior quantidade de roupas e acessórios, como o desodorante, que ele cita. Mesmo assim, após a entrada na fábrica, o entrevistado relata que continuou a exercer atividades ligadas ao meio rural:

Toda vida eu dependi da minha roça, das minhas coisas que eu tinha, nunca deixei não, eu não fazia era muita coisa, mas quando eu não plantava eu arrendava pra alguém, às vezes eu plantava um pedacinho nem que fosse só pra comer mesmo, mas eu tinha meus animais, meu gadinho, eu tinha que olhar, sei que eu tinha minhas viagens pra roça, eu queria um cantinho pra mim olhar.¹⁸

Podemos supor que os alimentos adquiridos da lavoura e a criação de animais, eram uma oportunidade de acrescentar meios a sua sobrevivência, certamente sua remuneração na fábrica também era insuficiente para garantir a alimentação diária. Estrategicamente, o horário na fábrica garantia que o mesmo exercesse também os serviços domésticos. Ele informa que trabalhou em vários horários, desde o “*comercial*” que era de 7 horas da manhã às 17 horas, ou de 5 horas da manhã às 14 horas, que era o de sua preferência, por conta das atividades da lavoura. Depoimentos como o de seu Jonas são indícios de que as relações desenvolvidas no campo remontam tradições, costumes, valores adquiridos, em que muitos, apesar de trabalhando na cidade, continuam se dedicando ao trabalho rural.

Após um tempo de vivência com a família, no povoado Malhada Grande, seu Jonas, juntamente com seu irmão mais velho, Raimundo Teixeira, compram um terreno onde mais tarde, seria o bairro da instalação da Indústria Coelho. Seu Jonas descreve-o:

Só tinha três casas aqui, tinha essa casa velha aqui, que é da oficina, tinha uma de Zé de Eliza aqui, que eu acho que eles derrubaram agora que era muito antiga e tinha tipo um barzinho que era daquele Raimundo, chamava budegane, ai tinha o bar e nessa frente aqui da pista não tinha nada¹⁹.

¹⁸ Depoimento de Jonas Teixeira. Picos, 18/08/13

¹⁹ Jonas Teixeira. Op. cit.

Esta descrição do ambiente social é importante para compreendermos a dinâmica vivenciada por esses trabalhadores. Visto que observam e interpretam as transformações, pois aumentou o número de vizinhos, o contato com pessoas de locais diferentes do município, que talvez não pudessem conhecer de outra maneira, pessoas que deslocam de moradia e profissão em busca de melhores condições de sobrevivência. Para os trabalhadores o desenvolvimento urbano é percebido no crescimento do mesmo e no acréscimo demográfico em decorrência da indústria. Os depoentes falam do que experimentam no seu cotidiano, de outros trabalhadores, que como eles vinham das pequenas comunidades para um espaço em processo de crescimento urbano.

O senhor Raimundo Teixeira, que também é um dos nossos entrevistados, diz ter trabalhado na Indústria Coelho desde os primeiros momentos²⁰. Além de residir no bairro onde a indústria se instalou. Assim, ele nos relata também que o bairro praticamente não tinha casas e a primeira área de serviço localizada era apenas o 3º Batalhão²¹. Podemos supor que a cidade começava invadir o campo, transformando-a em bairros e modificando antigas formas de viver e trabalhar. Apesar de, mesmo na década de 70, constituir o principal ramo de trabalho formal para os moradores de Picos, onde a principal renda das famílias ainda era a agricultura.

Reconhecer os depoimentos como fonte histórica é fortalecer e amadurecer uma concepção de história que ajuda a problematizar os sujeitos e os significados que atribuem à sua experiência²² mas que são expressos por seus valores, experiências, crenças, enfim, sua subjetividade. E mais ainda, dentre os fatos de que se lembra devido ao seu grau de importância na vida da pessoa, seleciona-se o que se quer lembrar e o que parece ser melhor esquecer, como observa Portelli. Assim, mesmo sendo irmãos, seu Raimundo Teixeira fala pouco sobre o trabalho no campo, relata apenas que quando trabalhava na roça era em “*serviço pesado*”²³. Quando interrogado sobre as atividades que executava antes da entrada na indústria, o entrevistado fala apenas sobre o tempo que prestou serviços no 3º Batalhão.

É pela linguagem que os trabalhadores expressam sua heterogeneidade de experiências e de valores. Ao perceber a necessidade de tentar ampliar as possibilidades de fontes para ter

²⁰ Depoimento de Raimundo Teixeira. Picos, 27/07/13

²¹ 3º BEC (Batalhão de Engenharia e Construção), instalado em plena ditadura militar. Durante mais de trinta anos aqui instalado, vem realizando obras de infraestrutura e desenvolvimento da economia, a exemplo da construção da BR 407, que liga o município de Picos/PI a Petrolina/PE.

²² PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro: vol. 1, nº. 2, 1996

²³ Raimundo Teixeira, Op.Cit.

melhores condições de explorar as entrevistas já realizadas, problematizar as visões de mundo que esses trabalhadores tinham antes da entrada da fábrica, fui entendendo o significado de trabalhar com fontes orais. Na lida com a fonte oral, o pesquisador participa de forma efetiva da produção das fontes²⁴. É ele quem elabora as perguntas, ainda que nem sempre obtenha as respostas que anseia. Isso serve para acentuar o caráter dialógico dessa modalidade de fonte.

A experiência de trabalhar com entrevistas tem mostrado a necessidade de um diálogo constante entre a teoria e a prática, em que o entrevistador/pesquisador precisa estar aberto ao diálogo, a fim de rever seus pressupostos, se a realidade revela-se contraditória, à medida que surgem novas questões, novos problemas, novos sujeitos. Dessa forma, o trabalho com as fontes orais constitui-se em uma experiência muito significativa, se pensarmos na perspectiva de que pessoas comuns, principalmente trabalhadores, ao falar de suas vidas e de seus sonhos, possam contar suas histórias e, ao mesmo tempo, colaborar para que sejam registradas.

Dessa forma, seu Raimundo relata sobre sua trajetória anterior à entrada na fábrica, a partir de sua experiência no 3º BEC. Ele nos conta que entrou no Batalhão no ano de 1972, como o quartel da cidade de Picos não estava completamente pronto, ele juntamente aos demais que iam prestar serviços, foram incorporados na cidade de Oeiras. Assim como o irmão, seu Jonas conta que também exerceu atividades no 3º Batalhão antes da entrada na indústria. Segundo ele, as atividades não divergiram muito das realizadas no meio rural, era “*plantando mudas de plantas, hortaliças*”²⁵. Podemos imaginar que com o tempo houve uma mudança no trabalho exercido dentro do Batalhão, pois já seu Raimundo conta que na sua época, em que o quartel não estava nem instalado ainda na cidade, “*o pessoal saía era correndo, se escondendo*”²⁶ para não prestarem o serviço militar. Essa reação, podemos supor também que tenha sido pelo desconhecimento em relação ao novo campo de atividade na cidade.

Sobre sua percepção a cerca do trabalho na indústria, ele relata:

Ai foi gostando, porque o pessoal tudo aqui vivia era da roça, aí o serviço era melhor, era aceito e pegava num trocado mais fácil, aí o pessoal gostava. Tinha deles aí que não tinha interesse com as coisas, aí achava que trabalhar de empregado era ruim, ficar sujeito aos outros, ser mandado pelos outros...

²⁴COUTO, Ana Mágnã, Silva. **Cotidiano e sobrevivência:** falas e memórias de catadores de papel na cidade. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/CMS/ccms09.htm>. Acesso em 10 de Agosto de 2013.

²⁵ Jonas Teixeira. Op. cit.

²⁶ Raimundo Teixeira. Op. cit.

Mas esse pessoal assim mais velho, que não tinha interesse em trabalhar de empregado.

Há elementos a serem considerados: menor esforço em vista ao trabalho desgastante da lavoura; a ideia de que o trabalho braçal seria inferior. A questão do status social era importante na mediação com o trabalho fabril, pois para os trabalhadores, trabalhar de empregado era ruim, pois representava ficar sujeito aos outros. O fato do “*pessoal mais velho não ter interesse*” revela talvez, valores predominantes na sociedade, ou seja, uma noção trazida nos costumes e padrões das relações sociais.

Um relato bem diferente é o de dona Maria Irene. Sobre sua trajetória de vida e trabalho antes da entrada na fábrica, Dona Maria Irene, de 56 anos, relata que trabalhou muito na roça quando morava ainda com os pais. Ela informa que trabalhava na roça, mas não gostava, “*tinha raiva de ir pra roça*”²⁷, ia apenas por que o pai obrigava. Se não é possível obter detalhes sobre as atividades realizadas no meio rural por Dona Irene, podemos supor que a trajetória de vida dela soma a de tantos outros trabalhadores da região de Picos, em que as circunstâncias a obrigavam a trabalhar na roça, para garantir o sustento diário da família. Ou, sendo a atividade tradicional era o horizonte já colocado. Ela por ser mulher, estava submetida à autoridade paterna. Mostra também que a agricultura praticada requeria o esforço da família.

Outro depoimento que ajuda-nos a recompor a imagem dos trabalhadores em Picos em meados da década de 70 é o de dona Francisca Teixeira, de 53 anos, moradora do Bairro Malhada Grande. Na época morando com a família, conta-nos sobre o trabalho que realizava antes da entrada na indústria:

Minha filha antes de eu entrar na Indústria era luta grande, trabalhava era na roça, fazia era aquelas tranças de chapéu vendiam na feira, antes de entrar na Indústria era só roça mesmo, minha renda era só isso ai.

Mas dava pra sustentar a família?

Ainda dava pra ajudar, porque não tinha mesmo da onde vim, o que a gente tirava da roça, era feijão, arroz, milho e o resto completava com o que a gente fazia em casa de chapéu.²⁸

Homens e mulheres garantiam sua sobrevivência e de sua família, ora no meio rural ora no meio urbano, dividiam-se, então, entre a cidade e o campo buscando o sustento de suas famílias. Esses sujeitos não mantinham um vínculo formal com o trabalho, mas teciam meios de sobrevivência, estabelecendo relações com o trabalho diário na lavoura. Para nos

²⁷Depoimento de Maria Irene Sousa. Picos, 01/09/13

²⁸ Depoimento de Francisca de Sousa Teixeira.18/08/13

aproximarmos da imagem construída da cidade de Picos nesse período é muito significativa a maneira como Dona Francisca relata sobre suas atividades.

Pela fala de dona Francisca, temos uma noção de como era viver em Picos nessa década. Uma vida típica de cidade pequena, com um comércio local integrado às práticas agrícolas. O trabalho artesanal da fabricação de chapéu para venda na feira era uma atividade comum na região²⁹.

Essa correlação com a cidade e o campo é fundamental para refletirmos sobre a cidade que se constituiu a partir das práticas sociais desses trabalhadores. Para essa reflexão utilizamos o trabalho de Raymond Williams, na obra “O campo e a cidade na história e na literatura” defendendo campo e cidade como representações sociais. De acordo com o autor “*na longa história das comunidades humanas, sempre esteve bem evidente esta ligação entre a terra da qual nós, direta ou indiretamente, extraímos nossa subsistência, e as realizações da sociedade humana*”³⁰

As necessidades de sobrevivência levam esses trabalhadores a procurarem novos meios de vida e trabalho, vivenciando o processo de transição entre velhas relações de trabalho e as novas relações do espaço fabril.

Um das principais questões que se fizeram presentes nas narrativas, foram as dificuldades iniciais como o estranhamento causado pela nova realidade. Certamente não tinham conhecimento de um maquinário tão diversificado, mas mesmo assim o receio pelo desconhecido não as impediu de se disporem a uma vaga. Seu Jonas como morava próximo ao local “*foi um dos primeiros assim que entrou*”³¹, segundo ele na época (1975) não havia muitas exigências, como escolaridade e nem houve processo de seleção.

Na mesma direção encontramos a narrativa do seu irmão, seu Raimundo Teixeira, que diz ter participado desde os primeiros anos e que não chegou a trabalhar na construção porque segundo ele “*não tinha interesse*”³². Perguntei se havia sido difícil conseguir o trabalho, ele ressaltou:

²⁹Lembrei-me bem da minha avó passar noites à costura de tranças para a fabricação do chapéu. O material utilizado, a palha de carnaúba era retirada das plantações de carnaúba existentes nas roças próximo onde moramos, no interior da cidade de Picos. Após pronto, o chapéu era levado para ser vendido na feira, principalmente em dia de sábado, que era o dia mais movimentado, com um grande fluxo de pessoas. Assim, da mesma forma, dona Francisca garantia meios a sua sobrevivência através do contato com a cidade.

³⁰ WILLIAMS, R. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. P11.

³¹ Jonas Teixeira. Op. cit.

³² Raimundo Teixeira. Op. cit.

Eu mesmo entrei como quem entra na porteira de uma roça, não precisou ninguém me apresentar, não precisou informação de ninguém, só fiz chegar lá, fiz a ficha e já comecei trabalhar lá, no mesmo dia que eu fiz a ficha já comecei trabalhar.

Pelas narrativas de Seu Jonas e seu Raimundo Teixeira que narram sua entrada de modo casual, quase informal, em contraposição a uma qualificação formal pautada em uma instituição escolar, ou a indicação de alguém, podemos imaginar que como estava no início da chegada da Indústria no bairro, a mão de obra ainda não estava definida e o fato de morarem próximos às instalações, possivelmente foi um dos fatores que facilitaram a entrada de ambos. Mais adiante, veremos através dos relatos orais de outros entrevistados, que o fator da indicação nos anos seguintes foi fundamental, sendo que de *“cada família, botava um ou dois parentes”*.

Nascido em Aroeiras do Itaim³³, cidade próxima a Picos, o contato inicial de seu Raimundo Holanda com a Indústria Coelho difere um pouco dos demais. O entrevistado relata que ficou sabendo da vaga na escola, quando comentaram que a Indústria estava ofertando um teste seletivo com 12 vagas, para em seguida os que fossem selecionados fizessem um estágio por 6 meses em Recife, Pernambuco³⁴. Passando em quarto lugar, seu Raimundo Holanda vai fazer o curso de montagem de máquinas em Pernambuco, este até então não conhecia outro estado, logo em seguida ingressou na Indústria Coelho S/A.

Seu Raimundo Holanda, diz ter 21 anos de idade nessa época e que *“era apenas um estudante”³⁵*. Embora busque condições de qualificar-se para o mercado de trabalho, podemos imaginar que esse jovem trabalhador realizasse, assim como a maioria dos nossos entrevistados, a agricultura familiar em sua cidade, pois era a atividade comum da época. Mesmo não relatando sobre as atividades realizadas antes do ingresso na fábrica, isso se evidencia pelo fato dele narrar que mesmo após se aposentar ainda continua *“ligado ao interior, a parte rural, agrícola”*.

A oportunidade criada pelo fato de dispensar experiência profissional, levaram muitas pessoas a procurarem uma vaga na Indústria Coelho, como Dona Francisca, que entrou na Indústria Coelho no ano de 1977. Ela conta que ficou sabendo da vaga através das amigas e da irmã que já trabalhavam no local. Assim ela diz que *“não foi indicação não, porque*

³³O município de Aroeiras do Itaim desmembrou-se de Picos e instalou-se em 1º de janeiro de 2005, segundo fonte do IBGE.

³⁴ Depoimento de Raimundo Pessoa Holanda. Picos, 27/07/13.

³⁵ Idem.

*quando eles ia pegar gente assim eles avisava, botava o aviso que tal dia ia pegar gente*³⁶. Embora a entrevistada informe que *“quase toda minha família trabalhou lá”* e que por isso, com ela, *“não foi diferente”*. Diante disso, podemos supor que a relação de boas amizades é imprescindível para quem queria uma colocação no mercado de trabalho.

Por outro lado, dona Irene conta que ficou sabendo da vaga em 1980 por que foi diretamente na portaria se informar e foi onde também lhe disseram que se exigia o primeiro grau completo. Talvez as vagas já estivessem ficando mais difíceis e o fator da *“indicação”* já era fundamental. Dona Irene descreveu alguns aspectos do comportamento da população dizendo que as pessoas eram *“matutas demais”*³⁷, se referindo talvez às condições de vida no meio rural e ao estranhamento da realidade fabril, com novos instrumentos e relações de trabalho. Mas segundo ela, ainda foi uma das mais ativas e foi procurar emprego, na tentativa de se livrar dos serviços da roça. Assim, fica evidente que há uma percepção nas transformações nos modos de viver e trabalhar, mas que embora os valores se transformem e a mudança traga consigo uma percepção diferente acerca do passado rural e vá aos poucos dando espaço a um viver urbano, as práticas desses trabalhadores continuam vivas em suas memórias.

No momento da chegada da Indústria Coelho S/A na cidade de Picos, veremos a construção de diferentes expectativas por parte da população.

Seu Jonas trabalhou na fábrica por 27 anos. Após exercer, inicialmente, a função de ajudante de manutenção, passando a calderista, e por fim exerceu a função de contra mestre de manutenção. De início ele nos conta que *“tinha medo, quando foi pra mim sair da roça e entrar na indústria, eu tinha medo porque não sabia como era”*³⁸. São indícios que os modos de trabalho agora colocados pelo ritmo da fábrica, causaram estranhamento nos trabalhadores. Fica implícita nesse relato, a inexperiência dos trabalhadores do campo com a atividade industrial, com horário a seguir e regras diferentes do trabalho campestre.

Seu Jonas não nega as dificuldades, ao contrário, ressalta o estranhamento inicial, contudo, esse estranhamento é minimizado quando lembra as conquistas, traduzidos na família e no trabalho. Talvez considerasse que seria uma forma de trabalho mais amena do que os serviços da roça, no caso, referindo-se ao salário, que até então a agricultura não proporcionava, pois como ele diz, *“pensava que ganhava mais fácil”*³⁹. Devemos assim analisar a dimensão das transformações vividas, ao mesmo tempo investigar como esses

³⁶ Francisca Teixeira. Op. cit.

³⁷ Maria Irene de Sousa. Op. cit.

³⁸ Jonas Teixeira. Op. cit.

³⁹ Idem.

trabalhadores enfrentaram as mudanças repentinas em suas vidas. É importante destacar que nessa época, os trabalhadores rurais, através dos sindicatos, lutavam por direitos já garantidos aos trabalhadores da cidade. Um exemplo era a aposentadoria, tema constante na década de 70 e 80.

Para esse trabalhador, as aspirações de crescer profissionalmente, o sonho de uma aposentadoria por tempo de serviço, ter um salário fixo, tudo isso para ele são valores importantes e é assim que ele vai construindo sua inserção na Indústria. Como vemos no seu depoimento quando ele nos conta sobre as mudanças em sua vida e os planos que passou a almejar com a entrada na fábrica:

Ah mudou muito, mudou porque eu trabalhava na roça, sem ganhar nada né? Quando eu comecei trabalhar na Indústria Coelho, a primeira coisa que me veio na ideia e que eu não consegui, porque eu já ouvia falar em aposentadoria por tempo de serviço, aí a primeira coisa que me veio na ideia era que eu ia me aposentar, aí eu já comecei trabalhar naquela empolgação, de me aposentar.⁴⁰

A formação escolar não concluída na infância, quando ainda trabalhava no campo, agora é fundamental para a vida na fábrica. Dessa forma tem a oportunidade de tentar construir um futuro diferente de sua trajetória passada. Mesmo arrependido por não ter investido em sua formação quando mais jovem, tendo concluído apenas a sexta série de ensino fundamental, este trabalhador acreditava que poderia na fábrica alcançar uma remuneração compatível ao seu ritmo de trabalho. Toda insatisfação desse trabalhador é por não ter atingido o cargo desejado, no escritório da fábrica, mesmo apresentando as qualidades de bom trabalhador.

Meu orgulho mais era vontade de trabalhar num setor bom, mas eu não tinha o estudo nesse tempo suficiente para trabalhar num setor bom, nem a sorte, por que vai depender da sorte, vai depender de uma pessoa que interesse por a gente, na época minha família todas de pessoas também assim fracas, aí não tinha uma pessoa forte pra me dar força.⁴¹

A maneira como esse trabalhador narra sobre sua experiência de trabalho pode representar a tentativa de querer modificar, de alguma forma, a sua função de trabalho. Talvez seja preferível considerar que tenha sido uma casualidade do destino, ou até mesmo uma questão de sorte. É marcante que o impedimento talvez fosse a estrutura das relações sociais,

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Jonas Teixeira. Op. cit.

por depender de “*uma pessoa que interesse por a gente*” e lembrar que vinha de uma família “*de pessoas também assim fracas*”.

No mesmo diálogo, o entrevistado sente a necessidade de situar um momento importante na sua vida: o momento que conheceu a esposa. Após casarem-se, trabalhando juntos, os dois tiveram a possibilidade de mobiliar a casa que até então pretendiam comprar, mas que não foi possível devido a morte da esposa, que ocorreu após dois anos e três meses de casados, no momento do parto da filha mais nova. O dinheiro economizado para a compra da casa agora serviu para gastar com as despesas do sepultamento da esposa e cuidar das duas filhas.

A melhora de cargo, mesmo sem refletir objetivamente melhores salários, é suficiente para alimentar nele o desejo de conquistar novos espaços sociais, passando a impressão de estar “subindo alguns degraus” na vida sócio-profissional, daí o desejo de trabalhar no escritório. Essa expectativa de sucesso vem acompanhada da obrigação de não falhar, não somente diante das regras da fábrica, o que acarretaria a perda de credibilidade e talvez até o emprego; mas possivelmente, também, diante da família.

As narrativas evidenciam que ingressar na fábrica demarca a construção de novos saberes, como seu Raimundo Teixeira, que diz ter trabalhado nas primeiras máquinas e permaneceu por 24 anos prestando serviços a Indústria Coelho. O senhor Raimundo nos contou que comparado aos serviços da roça, ele não se maldizia, que nem ouvia muitos colegas reclamarem de serviço e até mesmo da comida, pois segundo ele na Indústria “*era na sombra, tomando água fria, aquele negócio todo era perto de casa, não tinha bagunça de poeira (...) nem sol quente, dizia que tava era de férias*”.⁴²

As aspirações de crescer profissionalmente, a ideia de encontrar no trabalho algo mais que garantia de emprego, leva alguns sujeitos a se lançarem em uma intensa jornada em direção à superação profissional. Esses se lançam em torno dos interesses da empresa, acreditando com isso estarem seguindo no rumo certo em busca da possível realização pessoal de “vencer na vida”.

Dona Francisca, ao reconstituir suas lembranças sobre sua trajetória de vida e trabalho considera que sua “*vida é uma luta*”⁴³. É importante historicizar quais seriam os possíveis motivos que levaram Francisca a narrar desta maneira sobre sua história de vida e trabalho. Talvez ela esteja se referindo aos tempos sobre a vida difícil no meio rural, em que os alimentos tirados da roça, eram insuficientes para complementar a renda de sua família e

⁴² Raimundo Teixeira. Op. cit.

⁴³ Francisca de Sousa. Op. cit.

assim se lançava no contato com a cidade com a venda de chapéus de palha. Isso fica evidente quando ela diz que com o salário que passou a ganhar na Indústria “*you could make a purchase, you could make an account that that day you have your money to receive*”⁴⁴. Certamente a renda adquirida antes não possibilitava isso.

A vida difícil pode estar relacionada também à separação do marido, o qual foi para Minas Gerais para poderem trabalhar juntos, mas após um ano e meio se separam e ela voltou para a cidade de Picos. A memória de dona Francisca é construída sobre as lembranças das angústias do passado em torno da relação com o marido, indicando que a mesma lança sobre o casamento e a família expectativas de um futuro melhor a partir do presente. Primeiramente, pareceu atribuir grande significado a essa relação, mas em seguida fala do momento de superação, dizendo que está bem, sossegada e que atualmente tem uma casa para morar. “*Sempre lutando com a esperança de vencer*” assim, a experiência de dona Francisca é significativa no sentido que nos possibilita compreender como essa trabalhadora construiu seu modo de viver e que assim como a maioria dos trabalhadores, atribui um significado à casa própria como um valor, uma conquista pelos anos de trabalho árduo. O fato de ter uma casa para morar evidencia uma melhora em relação ao passado.

Em torno das questões presentes nas narrativas que levaram estas pessoas a trabalharem na Indústria Coelho, vemos que são variadas e carregadas de expectativas lançadas no futuro, pautados no que vivem no presente. Ao relatar a vivência, fazem escolhas, que têm sentidos próprios e é assim que elaboram suas trajetórias de vida e trabalho entrelaçadas às necessidades e às circunstâncias materiais.

Para dona Irene, divorciada, mãe de três filhos, ao narrar suas experiências de trabalho, conta que trabalhou na Indústria Coelho de 1980 até 1989, momento em que pediu demissão por conta da gravidez do primeiro filho, em 2000 retorna e permanece até 2011, época do fechamento da fábrica. Na verdade não foi apenas uma ocupação, foi seu “*primeiro emprego de carteira assinada*”⁴⁵, ao qual “*agradece muito*” e sente falta.

O senhor Raimundo Holanda também compartilha dessa positividade. O entrevistado relembra das amizades que fez, dos momentos de lazer, da profissão de mecânico de produção que adquiriu e do momento em que conheceu a atual esposa na fábrica. Pelas narrativas temos uma noção de como os anos de trabalho na fábrica compõem uma parte significativa de suas histórias de vida. Relatos de amizades, casamentos, entre tantas coisas que demarcaram suas

⁴⁴ Francisca de Sousa. Op. cit.

⁴⁵ Maria Irene de Sousa. Op. cit.

histórias de vida e de trabalho. Enfim, o “gosto pelo trabalho” fica evidente no momento em que se referem a esse saudosismo dos tempos fabris.

Corroborar para essa interpretação também o aspecto de que a valorização do ambiente de trabalho vai se estabelecer a partir de outros referenciais identificados pelos trabalhadores, como fica evidenciado na relação dos comerciantes de Picos com os trabalhadores da Indústria Coelho:

Quem trabalhasse aqui (Indústria Coelho) que era bem aceito, no comércio se você fosse comprar alguma coisa e perguntasse trabalha onde? E você dissesse na Indústria Coelho, qualquer um dono de loja já queria te vender, porque sabia que a pessoa ia arcar com a responsabilidade, só não ia pagar se não quisesse ter a responsabilidade mesmo, ela tinha uma boa aceitação na verdade.⁴⁶

Entendemos que ao identificar a boa relação dos trabalhadores com a cidade, vai se reforçando a busca de um *status*, a necessidade de autodenominar-se como trabalhadores da Indústria Coelho. A construção de um prestígio que os diferenciava dos outros trabalhadores da região. Até mesmo diante dos salários, como seu Jonas afirma que “*aqui não tinha um lugar melhor pra ter um salário melhor do que o da Indústria Coelho*”.

A cidade de Picos que os trabalhadores estão partilhando e disputando é uma cidade carente de serviços básicos, como o transporte e difícil de se prover a alimentação, onde os moradores sobreviviam sobretudo da agricultura e do pequeno comércio. Mas foi nessa cidade que essas pessoas um dia puderam planejar suas vidas e buscar melhorias.

A partir do momento em que Picos despontava como uma cidade movimentada pelo principal entroncamento rodoviário, os primeiros sinais de transformação social e econômica, o comércio na época bem movimentado e algumas construções com a vinda do 3º Batalhão, estavam bastante visíveis, o que a tornou um lugar visado, destino de empresários de outras localidades, como um grupo de empresários pernambucanos, oriundos de Petrolina, que instalaram a Indústria Coelho S/A em um terreno próximo às instalações do 3º Batalhão de Engenharia.

A memória se reporta às novas construções, aos novos sujeitos que passam a fazer parte do cenário da cidade. Novas relações de trabalho e imagens de mudanças surgem com grande significado para pessoas que viveram a década de 70 em Picos. A cidade começa a invadir o campo, “desbravando” o cerrado e transformando-o em bairros, loteamentos, indústrias e modificando antigas formas de viver e trabalhar.

⁴⁶ Raimundo Pessoa Holanda. Op. cit.

A implantação da Indústria Coelho na cidade de Picos certamente teve sua importância, mas não é nosso objetivo aqui relatar sobre o processo de industrialização, mas sim outros elementos devem ser considerados, como um forte desejo de mudar de vida, ter uma carteira assinada, foram questões que as entrevistas mostraram. A procura por serviços não disponíveis no meio rural é um dos fatores muito presente nas narrativas, como serviços de saúde.

A vinda da fábrica trouxe a chegada de pessoas provenientes dos pequenos municípios da região e da zona rural, o que contribuiu para que a cidade de Picos se tornasse destino desses trabalhadores que buscavam uma melhoria de vida com a entrada no ritmo industrial.

Nesse sentido, os jornais da época identificam a transição de uma economia agrária para uma industrial como um símbolo de progresso. É o que veremos na reportagem de dezembro de 1977 do jornal Macambira:

Em Picos, a Indústria Coelho encontra-se em atividades desde o segundo semestre de 1975, com 19.200 fusos e 132 teares, que geram 10.000 quilos de pluma por dia, industrializando tecidos de algodão. Todo o complexo industrial está instalado em 22.000 m² de área construída. É uma verdadeira potência, tendo no período compreendido de julho de 1976 e junho de 1977 pago 8.000.000 de cruzeiros em salários a uma média de 600 funcionários, e gasto com consumo de energia um total de 13.550,00. Para o suprimento da unidade picoense são utilizadas 2.400,00 toneladas em pluma por ano, o equivalente a 7.550 toneladas de algodão em pluma.⁴⁷

Na manchete que enfatiza “*ICSA, o Nordeste Industrial*” destaca-se o poderio do Grupo Coelho, um grupo de empresários que segundo Marli Alves era “*uma família de base bem estruturada que iniciou suas atividades comerciais e políticas em Pernambuco, vindo a se estender, posteriormente, para outras regiões do Brasil, inclusive em Picos (PI)*”⁴⁸. Nosso trabalho tem seu foco nas memórias e experiências dos trabalhadores; Para tanto, cabe atentar para o conjunto das relações em que estavam inseridos, na família e na cidade. Por isso, a importância de através do discurso do jornal, “*voltar nossa atenção para outros viveres e sujeitos que a normatização e regulação buscam silenciar, negando suas práticas, tratando-as como atrasadas, inadequadas ou obstáculos ao progresso das cidades*”.⁴⁹

Matérias como essa foram destaque nos anos de 1970, período considerado de mudanças com a vinda da Indústria Coelho para Picos, ressaltando que “*Picos tem a maior*

⁴⁷ Macambira, Julho de 1982, ano IV, n90, p. 05.

⁴⁸ ALVES, Marli Costa. Op. cit. 45

⁴⁹ CRUZ, Heloísa Faria. PEIXOTO, Maria do Rosário. KHOURY, YaraAun. Op. cit. p. 14

*indústria do Piauí*⁵⁰. Tentando explicar a dinâmica social daquele momento, as reportagens traziam noção positivadora do progresso, como as melhorias trazidas para a cidade, como o grande número de funcionários e o valor total das folhas de pagamento.

Devo ressaltar que o Jornal Macambira, além de ser o único que cobre integralmente meu recorte cronológico, mostrou-me algumas evidências de sua empatia com o grupo empresarial da Indústria Coelho ou pelo progresso nele representado. As fontes coletadas do jornal fazem referência a matérias que tratavam da indústria com alguns fatos cotidianos, como cursos ofertados pela empresa, treinamentos, comemorações festivas, assim como também algumas reportagens que faziam referência ao desenvolvimento urbano da cidade. Fato que instiga a questionamentos quanto ao modo que a imprensa escrita trabalhava, se era com a ideia fomentada pela administração municipal de incentivar a instalação de indústrias e de empresas do setor do comércio e de serviços, ou apenas afirmar a imagem do desenvolvimento da cidade.

Entendemos que os trabalhadores participaram deste processo. Portanto sua experiência na fábrica foi mediada por tais discursos de positivação.

⁵⁰ Macambira. Op. cit. Julho de 1982.

2 TRABALHADORES E COTIDIANO FABRIL TÊXTIL

*Aqueles que são contratados experienciam uma distinção entre o tempo do empregador e o seu “próprio” tempo. E o empregador deve usar o tempo de sua mão de obra e cuidar para que não seja desperdiçado: o que predomina não é a tarefa, mas o valor do tempo quando reduzido a dinheiro. O tempo agora é moeda: ninguém passa o tempo, e sim o gasta.*⁵¹

Ao abordarmos as trajetórias de vida e memória, torna-se possível conhecer melhor o cotidiano dos trabalhadores têxteis da Indústria Coelho dentro e fora da fábrica. Neste capítulo é abordado o espaço fabril onde se entrelaçam vivências partilhadas de tensão, conflito e estratégias. Assim, busca-se apreender as relações que os trabalhadores estabelecem em seu cotidiano, de modo a compreender como esses trabalhadores pensam e vivem o trabalho e os modos de trabalhar. A maneira como são construídos os espaços de sociabilidades, os problemas na execução do trabalho, as dificuldades de adaptação, de saúde, assim como os “*benefícios*” ofertados pela empresa, como transporte e alimentação. Nesse sentido, busca-se discutir qual a percepção dos trabalhadores sobre o trabalho na indústria, o que representou para eles essas novas práticas.

A vida da sociedade local, onde viviam os trabalhadores, passou a ser influenciada pela presença da fábrica. Em 1978, o Jornal Macambira revela que seria realizada “*uma série de visitas às famílias, palestras e recreações nos bairros onde residem seus funcionários*” beneficiando assim os bairros rurais. Inclusive na comunidade de Sussuapara, para “*ajudar a desenvolver o lugar*”.

ICSA PREOCUPA COM O HOMEM

Com um trabalho a nível de comunidade, nos locais onde residem funcionários da empresa, está sendo desenvolvido pelos Serviço Social e de Psicologia das Industrias Coelho atividades de promoção humana com o proposito de contribuir e ajudar o homem a se adaptar no mundo tecnológico, buscando a integra-lo harmoniosamente dentro da empresa e da comunidade.⁵²

Isto instiga a questionamentos sobre qual a noção de trabalho e de trabalhadores que está se constituindo e qual o sentido do trabalho. Podemos questionar sobre a intenção que se inscreve no argumento de “*contribuir e ajudar o homem a se adaptar ao mundo tecnológico*”.

⁵¹THOMPSON, E.P. Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. In: **Costumes em comum**. São Paulo: Cia das Letras, 1998, P. 272.

⁵² Jornal Macambira, Outubro de 1978.

Talvez nesta dinâmica, os trabalhadores deveriam se adaptar à nova fase de desenvolvimento da cidade, às mudanças no mundo do trabalho e a própria cidade deve se adaptar aos novos interesses econômicos. Ou ainda, é possível conceber a indústria como fator civilizador, de progresso. Por conseguinte, a agricultura seria ligada ao atraso, cabe indagar-se. No discurso do jornal o trabalho na fábrica era caracterizado de forma positiva, com “*promoção humana*” harmonia dentro da fábrica e na comunidade, o que evidencia que havia conflitos.

O jornal mostra como a intervenção da indústria ultrapassou o espaço fabril e penetra na cidade e sua vida social. Trata-se de uma forma de controle e disciplina sobre os trabalhadores. Certamente reportagens desse tipo procuram alcançar o objetivo de propagar no imaginário da população a necessidade da mudança de hábitos e comportamentos que se adequem à nova conjuntura que a cidade vem experimentando pela presença da indústria. No fundo, a real intenção não está de maneira alguma associada à promoção da humanidade dos trabalhadores, e sim com a reprodução da força de trabalho para as indústrias. Por outro lado, revela também a ideia proposta de que mais humano é o mais harmônico, sem conflitos, conduzindo ao progresso.

A partir da entrada na fábrica são forjados novos papéis para esses sujeitos, novas atividades articuladas a novas formas de viver. Sendo assim, veremos como esses trabalhadores sentiram essas mudanças, como vão forjando valores diante essa dinâmica do ritmo da fábrica e qual a percepção deles sobre o trabalho na indústria.

Para que a indústria consiga obter um controle otimizado da produção, o fato de “*organizar e capacitar*” significa dispor da força de trabalho para uma ampliação da produtividade. Assim, a partir dos treinamentos, vemos o esforço da indústria no sentido de disciplinar o comportamento dos trabalhadores, que na maioria são trabalhadores rurais, ou que sobreviveram em ocupações informais, e tiveram na Indústria Coelho o seu primeiro contato com o trabalho formal, controlado sistematicamente.

Os trabalhadores passaram por treinamento para se habituar à nova forma de trabalho. Submetidos à qualificação, cujo treinamento como informa seu Raimundo Teixeira, consiste em “*treinar, observar*”⁵³. E assim, iam aprendendo a lidar com as novas ferramentas de trabalho. Pressionados a obedecer à imposição das máquinas e das relações e os modos de trabalhar no ambiente fabril.

⁵³ Raimundo Teixeira. Op. cit.

O drama da mudança começava pelas atividades básicas do processo de produção têxtil. Como no depoimento de dona Francisca, que relata sobre a dificuldade em aprender o “*nó do tecelão*”.

Até hoje nunca esqueci o nó, nunca me esqueci do nó do tecelão, no início quase ninguém conseguia, porque era muito difícil, tinha que cruzar assim, da um nó ai quando puxava o nó não ficava feito, os primeiros dias foi dor de cabeça, achava que não ia passar no teste não, eu nunca tinha dado aquele nó na minha vida e de repente... Mas depois que a gente acostuma, ainda hoje sei dá o nó de tecelão.⁵⁴

Podemos pensar na dificuldade e ansiedade gerada em muitos trabalhadores que tendo moldado as mãos no trabalho agrícola eram solicitados a executar movimentos de precisão. Sendo este o filtro que poderia separá-lo do desejado emprego como tecelão, com carteira assinada, e quem sabe uma aposentadoria por tempo de serviço.

A dinâmica da fábrica mesmo que regada de exploração capitalista simboliza a inserção no mercado de trabalho formal. Dona Francisca na condição de lavradora tornou-se trabalhadora na indústria de tecidos. Ao perguntar sobre a existência de oportunidades de trabalho antes da chegada da fábrica, a entrevistada enfatiza: “*se não tivesse aparecido essa indústria eu não sabia o que eu tinha inventado não*”⁵⁵. Este significado do trabalho, por sua vez, pode estar relacionado à dificuldade de sobrevivência, fazendo com que a entrada na fábrica se tornasse uma opção possível. Ao mesmo tempo, estes trabalhadores tiveram que criar novas estratégias, a partir de sua inserção na indústria.

Em alguns casos, encontramos resignação, como podemos ver pela fala de seu Jonas ao se referir as normas impostas pela indústria: “*a gente acostuma né*”⁵⁶. Ele trabalhava em horários incertos, inclusive durante a noite e aos fins de semana, para conseguir “*alguma coisa*”. “*Eu trabalhava num setor desconfortável, então cansa, mas como eu precisava de emprego*”. Podemos questionar sobre até que ponto esses trabalhadores se habituavam a diferentes disciplinas.

Nesse caso, veremos as condições que contribuem para que cada sujeito se veja nessa situação, enquanto trabalhadores têxteis, refletindo com base em Thompson sobre a questão de “*como o indivíduo veio a ocupar esse “papel social” e como a organização específica ai*

⁵⁴ Francisca de Sousa Teixeira, Op. cit.

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ Jonas Teixeira. Op.cit.

chegou".⁵⁷ Nas narrativas encontramos evidências que este ramo de atividade na época era o mais comum, "*ou a indústria ou roça*"⁵⁸.

Ao privilegiar o foco dos olhares de trabalhadores fabris, o ambiente de trabalho é grandemente valorizado. Nesse sentido, a exploração vivida dentro da fábrica, com as horas extras, com o empenho em não ter faltas, não ter atrasos, não ter ocorrências, tudo isso, a partir da lógica do trabalhador, são formas de permanecer ou ascender na empresa, são valores importantes. Foi assim que eles criaram condições de vida nesses novos espaços. Fato observado na fala de seu Raimundo Teixeira quando interrogado sobre sua rotina na Indústria:

Minha rotina lá eu não tinha horário certo, eu trabalhava de todo horário, horário que nem eles mesmo eu acho que não trabalhava nesse tempo e eu trabalhava, era uma pessoa que qualquer hora que eles precisasse de mim eu tava rente, tinha vez de eu vir pra casa na minha folga e eu voltar cinco vezes lá, eu entrava de 7 hs e saía de 5 da tarde, entrava de 5 hs e saía 1 e 30 da tarde, entrava de 1 e 30 da tarde e saía de 10 da noite, ia entrava de 6 da noite e saía de 5 da manha, quer dizer, uns horários diferentes, trabalhava de turma única, todos os trabalhos que existiu ai eu trabalhei, não existiu nenhum horário ai que eu não tenha trabalhado.⁵⁹

Pela narrativa do entrevistado é possível perceber como esse trabalhador se sujeitava às condições de trabalho, aos horários incertos. Vemos na fala de seu Raimundo a afirmação de valores importantes no trabalho, como não se atrasar e nem faltar ao serviço, assim como também prestar as mais variadas atividades em diferentes horários. Percebemos a intensificação e exploração do trabalhador, que mesmo em seu horário de descanso, era chamado a atender as necessidades da fábrica.

Podemos observar também, diferentes formas de significar as relações hierárquicas no interior da indústria pelos trabalhadores. Os trabalhadores convivem diariamente com seus colegas e encarregado de setor. É interessante observar como se davam essas relações, os embates do dia a dia.

Seu Raimundo Teixeira valoriza sua função ao relatar que trabalhava com o "*coração da fábrica*"⁶⁰, que era a caldeira e engomadeira. Estas eram atividades que exigiam a presença constante do profissional, pois segundo o depoente a caldeira era como uma "*bomba*", caso chegasse a explodir causaria grande impacto. Assim, o trabalhador não podia faltar, pois a manutenção era contínua e exigia horários incertos, como relata que era comum

⁵⁷ THOMPSON. E.P. Op. cit. P. 11.

⁵⁸ Francisca Teixeira. Op. cit.

⁵⁹ Raimundo Teixeira. Op. cit.

⁶⁰ Idem.

após estar em casa, ser chamado para fazer algum serviço. O entrevistado mesmo em horário de descanso, ia várias vezes ao dia na fábrica, por que para ele era importante estar sempre rente quando precisassem.

O envolvimento deste trabalhador o permitiu um conhecimento total dos setores da fábrica, conhecendo ela “*de cima a baixo*”. Ele relata:

...o que precisasse se dissesse: Isso aqui é onde? Eu dizia onde era, lugar que pouca gente conhece, dentro da estufa, espulsão que tinha lá, refrigeração de ar, ali eu entrava por dentro daquilo tudo ali, se fosse coisa do modo se esconder, ficar matando hora ali, eu fazia⁶¹.

O seu conhecimento de todos os processos e da geografia da fábrica viabilizaram sua resistência à exploração intensa. Essa era uma das formas que seu Raimundo encontra de se livrar dos horários exaustivos, matando hora nos lugares pouco movimentados ou até mesmo desconhecidos por alguns. Experiências que demonstram as variadas estratégias dos trabalhadores frente o trabalho árduo da fábrica.

Para a atividade com tanta responsabilidade, operar a caldeira, os chefes certamente escolhem alguém que já acompanha a fábrica há mais tempo e está seguro que a qualquer problema responderá imediatamente. Uma relação de confiança no modo de se relacionar com o chefe, garantindo sua permanência no setor. Em caso de troca de horário, o fato da confiança o permitia inverter a hora com algum colega, caso necessitasse, ele diz que “*isso não era pra ser, mas se eu quisesse trabalhar um dia ou dois dias num horário pra resolver os problemas era fácil*”.⁶²

Devemos considerar que são interpretações construídas no presente, elaboradas pelo sujeito. Ao narrar cada pessoa tem uma postura diferenciada, conduzindo a narrativa de maneiras particulares, priorizando determinados momentos de suas vidas. Por isso, interessamos, observar como esses trabalhadores se identificam entre si, conforme Yara Khoury: “*constroem territórios e referências culturais ou deles se apropriam*”⁶³.

Outro relato interessante para perceber os sentidos às relações hierárquicas dentro da indústria é como seu Jonas considera que quanto aos chefes e encarregados, tinha “os bons e ruins”. O “*antipático*” segundo ele, era aquele que ficava dando ordens. Mas que no geral mantinha uma relação harmoniosa com os demais, mesmo que não descarte existência de desentendimentos no dia a dia.

⁶¹Raimundo Teixeira. Op. cit.

⁶²Idem.

⁶³KHOURY, Yara. Op. cit. P. 42.

As relações entre os encarregados do setor ultrapassavam os portões da fábrica e se entrelaçavam nos finais de expediente nos barzinhos. A relação com os colegas de trabalho fora da fábrica era reduzida mais aos companheiros de setor, como seu Jonas afirma “*saía nós, os encarregados*”⁶⁴. Podemos imaginar que mesmo no espaço externo, a relação entre os trabalhadores não é ampla, têm vínculos delimitados pelos locais de trabalho.

Durante a visita em que seu Raimundo Holanda mostrou-me os espaços da indústria tive contato com a “área de lazer dos chefes”, local até hoje bem conservado, mobiliado, com dormitórios, piscina e amplo espaço para festas. Certamente havia lugares delimitados para aqueles de melhor hierarquia, sendo frequentados apenas pelos “os chefões”.

Para os trabalhadores, o lazer era proporcionado pelo CRIC (Clube Recreativo das Indústrias Coelho). Espaço amplo com quadra de esportes, piscinas e local onde eram realizadas as festas para os trabalhadores têxteis. A Indústria Coelho também contava com campeonatos desportivos. Como o que em setembro de 1979, o jornal Macambira⁶⁵ noticiou. A visita dos trabalhadores da fiação de Petrolina à cidade de Picos, para participarem de um passeio às instalações e participarem de um torneio de futebol entre os funcionários das duas unidades. Esse tratamento dispensado pela indústria, identificado com fornecimento um lugar específico para atividades de esporte e lazer, é bastante significativo para os trabalhadores. Podemos supor que para amenizar as sobrecargas de serviços a indústria disponibilizava essas condições de lazer e sociabilidades no espaço fabril.

Seu Raimundo Teixeira relembra com positividade dos momentos de sociabilidades na fábrica em que “*faziam festa, davam brinde, uma feira no final de ano, natal, uma sacola cheia de coisa pra gente, fazia sorteio*”⁶⁶. Entendemos pelas narrativas que ao mesmo tempo em que a indústria ofertava premiações aos seus trabalhadores, esses por sua vez se viam diante do controle e exploração dos seus patrões, pois todos esses “benefícios” eram pagos com suor do seu trabalho.

O “lado bom” de ser trabalhador na Indústria Coelho surge mediado por uma série de outros valores que só fazem sentido quando analisados à luz das experiências dos próprios trabalhadores. Assim, Thompson adverte aos povos do mundo em desenvolvimento: *Espera-se que eles tomem cuidado com modelos convenientes e manipuladores, que apresentam as*

⁶⁴Jonas Teixeira. Op.cit.

⁶⁵ Jornal Macambira. Setembro de 1979.

⁶⁶ Raimundo Teixeira. Op. cit.

massas trabalhadoras apenas como uma força inerte de trabalho. ⁶⁷ Dessa forma, os relatos dos trabalhadores da Indústria Coelho informam sobre práticas de sociabilidades e lazer ofertadas pela fábrica. Seu Jonas relata que sempre faziam comemorações, “*festa do trabalhador, dia, disso, dia daquilo, aniversário*”. ⁶⁸

Na visão dos trabalhadores, transporte e alimentação eram “*benefícios*” ofertados pela fábrica. No entanto, os descontos nos salários eles viam na forma de exploração, em que se descontava do pagamento no final do mês. Seu Jonas relata que “*no começo eles dava tudo, dava vale refeição, depois começaram a cobrar, no final, eles descontava até nos cafezinhos*”⁶⁹. Devemos ressaltar também que a Indústria possuía convênio com o SESI (Serviço Social da Indústria), onde os trabalhadores podiam matricular seus filhos na referida instituição, sendo descontada a mensalidade no final do mês em seu pagamento.

No caso da alimentação ofertada pela indústria, entendemos que era um mecanismo para manter o trabalhador por mais tempo no local de trabalho. Com a alimentação garantida na fábrica, não haveria necessidade de retornarem para suas casas no horário de almoço. No entanto, isto não passou despercebido pelos trabalhadores, como demonstra nos relatos sobre o almoço levado de casa, o que representa uma prática de resistência, em que o trabalhador se conscientiza sobre os gastos com a alimentação e assim para economizar no seu salário no fim de mês, trazer a comida de casa é a solução.

Durante o horário das refeições, os trabalhadores se reuniam em fila até serem chamados. Segundo seu Raimundo Holanda, quando chegava o horário, eram avisados pelo apito e por uma luz vermelha que acendia informando que o almoço estava pronto. O entrevistado fala também dos momentos de descontração enquanto estavam na fila, relembra os mais “*famintos*”, que chegavam primeiro na fila, casos de trabalhadores que pela pressa, escorregavam e caíam.

Podemos imaginar que mesmo diante de uma rotina à qual os trabalhadores não estavam acostumados, com horários de refeições regulados pelo som de um apito, as brincadeiras com os colegas são uma forma de amenizar a tensão do ambiente. Dona Francisca, informa que no intervalo entre o horário das refeições era comum os homens irem jogar e fumar. As mulheres se sentavam nos bancos conversando, enquanto dava a hora de retornarem ao serviço. Pelas narrativas percebemos que era comum encontrar uma

⁶⁷ THOMPSON, E. P. Op. cit. p. 302.

⁶⁸ Jonas Teixeira. Op. cit.

⁶⁹ Idem.

considerável quantidade de trabalhadores depois de concluir o trabalho apenas matando o tempo, entregues à ociosidade.

No caso da dona Francisca, a entrevistada relata sobre o bom relacionamento, tanto com os encarregados do setor, como com os colegas de trabalho. Ela compartilha do gosto pelo trabalho, afirmando que *“quando a gente faz uma coisa que a gente gosta, a gente se dedica totalmente àquele serviço”*⁷⁰. Sua narrativa demonstra o quanto estava disposta a manter as boas relações no ambiente de trabalho. As amizades conquistadas no interior da fábrica foram para ela uma forma de suportar o desgastante trabalho. O fato de se ter uma boa relação, pode ainda representar um saudosismo pelo tempo de trabalho, o sentimento de realização, o profundo envolvimento e a alegria do trabalho.

Os trabalhadores atribuem valores e sentidos quando narram sobre a organização do espaço de produção. Dona Irene, que trabalhava no setor da tecelagem, todo o dia trabalhava revisando os tecidos: *“ligava a máquina e ia rodando, ia passando tecido e você revisando, tirando tecido que aparecia”*⁷¹. Ao narrar a forma como realizava esta atividade, dona Irene interpreta a lógica que controla e orienta o trabalho: na sequência fazia uma ficha, pesava e botava o nome da empresa, data e nome do trabalhador. Vemos como o nível de controle chegava ao indivíduo, atribuindo responsabilidades e permitindo maior coação. Como a remuneração no setor era por produção, o que representa outra forma de controle, havia fiscalização intensa por parte dos encarregados de turma. Essa era sua experiência diária. Ao relatar sobre os materiais utilizados durante a execução do seu trabalho, a entrevistada recorda que ainda hoje guarda uma *“pinça grande”* e um *“pente de ferro”*. Eram objetos utilizados no seu dia a dia e que certamente lhe trouxeram certo apego e por isso a necessidade de guardá-los.

Edward P. Thompson⁷² em seu estudo sobre a reordenação do tempo e da disciplina nas oficinas e fábricas da Inglaterra do século XVIII, período em que a questão pela orientação das tarefas se torna muito mais complexa na situação que se emprega a mão de obra. Não se trata somente da administração do tempo e sim dos mecanismos criados para usurpá-lo. Na Indústria Coelho, o mecanismo de exploração chega ao nível individual (pela atribuição de responsabilidades) na função de tecelão; bem como através da remuneração por

⁷⁰ Francisca Teixeira. Op. cit.

⁷¹ Maria Irene. Op. cit.

⁷² THOMPSON, E.P. Op. cit. p. 267-304.

produção, que obriga à intensificação das atividades, onde o tempo e máquina intensifica a extração de mais-valia.

A reflexão de Thompson, sobre a “*percepção de tempo em seu condicionamento tecnológico e com a medição do tempo como meio de exploração da mão de obra*”,⁷³ é importante para compreendermos sobre as questões presentes nas narrativas e experiências dos trabalhadores. Nesse sentido, seu Raimundo Holanda, informa que trabalhou praticamente em todas as turmas, com horários variados. Inicialmente trabalhou no setor de montagem de máquinas e permaneceu por 23 anos prestando serviços à Indústria Coelho. A relação de seu Raimundo Holanda com a indústria é bastante significativa, pois ele é encarregado do setor de manutenção, uma vez que é responsável pela fiscalização e é hierarquicamente superior aos demais trabalhadores do mesmo setor.

A memória de sua narrativa construída na relação presente se confunde com o que foi o seu trabalho nos anos iniciais e o que se tornou depois. É importante ressaltarmos que no momento narrado, o entrevistado exercia a função de encarregado do setor de manutenção. Na elaboração de sua narrativa ao contar sobre o seu trabalho, ele se posiciona a favor da empresa, quando informa que “*pagavam tudo direitinho, fazia adiantamentos... se você reivindicasse uma coisa eles adiantavam, sem nenhum problema*”.

O intrigante é que depois de um tempo, o mesmo torna-se presidente do sindicato dos trabalhadores têxteis no ano de 1989 e passa a lutar pelos direitos dos trabalhadores. Segundo ele, o “*trabalhador se organizou, reivindicou os direitos e a empresa não queria atender*”⁷⁴. A narrativa de seu Raimundo nos induz a identificar elementos importantes: podemos deduzir que as relações vividas no ambiente tenham mudado em relação aos primeiros anos em que “*pagavam tudo direitinho*”. Ou que até a mudança de setor reflita apenas no desejo do entrevistado em pertencer à classe sindical, pois tinha “*estabilidade, não podia ser demitido*”.

A experiência de seu Raimundo Holanda é importante também para refletirmos a cerca da hierarquia vivenciada pelos trabalhadores no dia a dia do espaço de trabalho. Ele nos conta sobre a sala construída para os encarregados fumantes:

Teve um gerente aqui, que na época que entrou, eu era do sindicato, tinha estabilidade, aí eu fumava muito, toda hora eu vivia lá fora fumando, aí o que ele fez? Criou uma sala de fumante aqui.⁷⁵

⁷³ THOMPSON. E. P. Op. cit. P. 289.

⁷⁴ Raimundo Holanda. Op. cit.

⁷⁵ Idem.

O depoente acredita que por ser do sindicato e ter estabilidade essa sala foi construída especialmente para ele e os demais colegas do setor que eram fumantes. No entanto, podemos supor que essa foi uma justificativa encontrada pelos chefes para controlarem as saídas para o hábito de fumar. A partir do momento de construção da sala, eles podiam ter o controle sobre o trabalhador, pois “*cada sala tinha um vidro, daí eles já ficava observando o trabalhador*”. E assim, essa é mais uma estratégia da empresa para controlar e não privilegiar.

A narrativa de seu Raimundo Holanda nos induz a identificar questões cotidianamente vivenciadas pelo trabalhador, como à pressão que os demais sofrem com a presença do encarregado de equipe. O trabalhador, neste caso está ciente de que a rotina que enfrenta é intensificada de acordo com a cobrança do chefe de turma.

Esta lógica, passível de ser interpretada na narrativa de seu Raimundo Holanda, mostra-nos como podem ser observados os ritmos e disciplinas presentes no cotidiano dos trabalhadores da Indústria Coelho. Ele narra os momentos em que os trabalhadores tinham necessidade de irem ao banheiro:

Dos homens (banheiro) os encarregados ia também, por exemplo, tinha dois banheiros(...) aí os homens entrava e ficava batendo papo, aí o encarregado chegava e dizia: bora rapaz, bora trabaia. A mulher melhor ainda, porque ela entrava, fechava a porta e ninguém via quem tava aqui, o homem não podia entrar aí eles botava uma encarregada mulher, pra poder entrar.⁷⁶

Em relação a esse fato, pelo menos dois fatores são importantes para definir essa rotina na fábrica: as exigências e condições em que esses trabalhadores se sujeitavam, na busca da sobrevivência e nas formas de resistências⁷⁷ que os trabalhadores constituem para combater a exploração dentro da fábrica. Isso fica implícito quando relatam a demora no banheiro. Muitas estratégias que eles narram, são comuns no cotidiano desses trabalhadores.

Assim, na atividade de encarregado do setor de montagem e manutenção das máquinas, seu Raimundo Holanda é responsável por garantir a produção do seu setor, pois a exploração dos demais é condição de sua experiência.

Tinha aqueles trabalhadores que não vinham para trabalhar, vinha pra criar caso, criar problemas, aí às vezes tinha que suspender o trabalhador ou advertir, era um pouco constrangedor, mas tinha que tomar essas atitudes.⁷⁸

⁷⁶ Raimundo Holanda. Op. cit.

⁷⁷ THOMPSON, E.P. Op. cit. p. 293

⁷⁸ Raimundo Pessoa Holanda. Op. cit.

Ao relatar sobre as possíveis falhas durante a execução das atividades, o entrevistado demonstra a cobrança por parte dos encarregados sobre os trabalhadores, através da suspensão para aqueles que não agissem conforme as normas. Podemos entendê-las também como formas de estratégias criadas pelos trabalhadores, que por sua vez, não estavam adaptados ao ritmo da fábrica. Fato que fica implícito na fala de outro entrevistado, no caso de seu Jonas, que descreve sobre fatos cotidianos de colegas de trabalho:

Tinha deles ai que dizia que tinha morrido um parente, teve gente lá que matou o pai, a mãe, um bocado de vezes, eu tinha um primo mesmo que ficava lá mentindo, dizendo que o pai tava morrendo, que a mãe tava morta, inventava um monte de mentira.

Podemos supor que o incidente trata-se de uma tática do trabalhador, uma vez que para faltar ao serviço encontra um meio de justificar as faltas. Vemos que para outros trabalhadores, de menor hierarquia, ter um bom relacionamento não adiantava. Ou o bom relacionamento não era para todos. Era estratégia de controle. O entrevistado informa que existiam casos de colegas chegarem de ressaca e passarem no médico para garantirem o atestado de falta. A partir do momento que os trabalhadores detêm o controle de sua vida produtiva, *“o padrão de trabalho sempre alternava momentos de atividade intensa e de ociosidade”*⁷⁹.

A intensificação do trabalho nas relações de produção na fábrica, aliado às condições de trabalho evidencia, um frequente número de faltas. Atrasos também não eram admissíveis, caso ocorressem havia advertência ou até mesmo falta, dependendo do atraso. De acordo com seu Jonas, a *“maioria vinha do interior e perdia o horário”*⁸⁰. Entende-se pela narrativa que mesmo o fator da distância do local de trabalho, não era considerado justificativa para atrasos. A realidade fabril assim se tornava mais pesada para quem morava no interior.

No caso de dona Francisca, a depoente demonstra estar ciente da intensificação do trabalho e principalmente do controle exercido dentro da fábrica. Assim ela avalia sua vida na indústria, enquanto tecelã e nos dias atuais, na condição de costureira:

Às vezes a gente diz assim: “A gente era feliz e não sabia né? ”, por que naquele tempo era difícil assim, mas era.. sei lá, uma convivência mais sadia, todo mundo respeitava todo mundo, todo mundo fazia conta do outro, hoje é aquele negocio, as coisas é mais fácil, mais é mais difícil. Antigamente a gente ia a hora que queria, quando acabasse podia ir na casa de um vizinho, dava tempo a gente ir visitar uma pessoa, aí depois que a gente começa

⁷⁹ THOMPSON, E. P. Op. cit. p. 282.

⁸⁰ Jonas Teixeira. Op. cit.

trabalhar fora, a rotina fica totalmente diferente, só aquela rotina do trabalho, como hoje... eu saio 6 hs, chego em casa 6 hs, seis e pouco, aí chego em casa vou trabalhar de novo na maquina, as coisas em casa, aí sobra tempo não, é difícil demais, aquele tempo era tudo mais difícil, só que a gente era mais feliz, tinha mais tempo pra fazer muitas coisas

Antes de trabalhar na fábrica ela conta que podia visitar os vizinhos e amigos. As transformações sociais trouxeram mais tempo no local de trabalho e menos tempo em casa e com a família. Nesse sentido, sobre a medição do tempo Thompson nos diz:

Aqueles que são contratados experienciam uma distinção entre o tempo do empregador e o seu “próprio” tempo. E o empregador deve usar o tempo de sua mão de obra e cuidar para que não seja desperdiçado: o que predomina não é a tarefa, mas o valor do tempo quando reduzido a dinheiro. O tempo agora é moeda: ninguém passa o tempo, e sim o gasta.

A partir da análise de Thompson, entendemos que *“o que precisa ser dito não é que um modo de vida seja melhor do que o outro, mas que esse é um ponto de conflito de enorme alcance”*⁸¹. Desse modo, por meio da subjetividade de cada trabalhador procuramos observar a atribuição de sentidos ao presente e ao passado, à medida que relatam suas experiências. A narrativa de dona Francisca é construída a partir do momento em que ela está vivendo, revelando de certa forma sua visão de mundo. Podemos refletir sobre os significados e sentidos impregnados na fala da entrevistada seguindo a recomendação de Yara AunKhoury de que:

Nas entrevistas estamos no espaço e no tempo dos nossos entrevistados. Eles narram a partir de seu próprio presente, trazendo experiências passadas. Nesse sentido, nosso exercício é compreender não um passado dado, mas os significados atribuídos a esse passado no momento presente dessas pessoas.⁸²

Outros trabalhadores demonstram estarem à prontidão, prontos para atender o chamado da fábrica, como no caso de seu Raimundo Teixeira, que se mostra a disposição da Indústria até mesmo nos momentos de descanso. O entrevistado relata que a necessidade de acordar cedo, não o impede de participar de um *“forrozinho”* durante a noite, embora a demora fosse pouca, para evitar faltas no dia seguinte, e assim segundo ele, *“gostava de dançar um forrozinho, mas já prevenindo na hora certa de eu tá lá”*⁸³. Visto que, esse trabalhador sofre, provavelmente uma intensificação e os efeitos de mudança de horário. Diante disso cria algumas estratégias:

⁸¹ THOMPSON, E. P. Op. cit. 301

⁸² Khoury. Yara. Aun. P. 31

⁸³ Raimundo Teixeira. Op. cit.

Teve dia de eu tava me benzeno e o cara chegar dizendo: ei eu to precisando de você lá na indústria. E eu ia, mas nunca isso ai foi reconhecido, das horas que eu entrava, que eu só entrava adiantado, faltando dez, quinze minutos, vinte minutos antes do horário, a coisa mais difícil era de eu atrasar, não existia festa nem cachaça pra mim perder meu tempo, ate porque um dia eles vieram um dia atrás de mim e eu disse assim: eu não vou não que eu to bebo. Não tinha nem triscado em bebida, ai disse a ele: não vou não porque to bebo e ai eles: não mas ta precisando de você. Ai eu fui lá, fui lá na portaria e disse ao caba: rapaz eu to bebim. Ai ele: nam mas deixa pra lá faça seu serviço. Que eu não queria ir porque eu já tinha ido umas cinco vezes nesse dia, era a hora que eles precisassem que eu tava rente.⁸⁴

Esse trabalhador então segue um percurso que com base nas qualidades de um profissional que se mostra eficiente, motivado, procurando sempre participar ativamente da vida na indústria. Em sua forma de se situar em relação ao serviço, seu Raimundo evidenciando esforços que se assemelham à lógica imposta pela reestruturação produtiva, exigindo sempre mais qualidades do trabalhador e assim uma consequente submissão a uma disciplina de trabalho mais exigente⁸⁵. Dentro da fábrica esses sujeitos estão condicionados a obedecerem aos ponteiros do relógio que todos os dias marcam o início e o final de uma jornada.

O relato de seu Raimundo Teixeira chama a atenção também para o fato de o trabalhador estar ciente de que a rotina que enfrenta é intensificada. Ele por exemplo, não concorda com a versão da indústria para o trabalho na hora do descanso. Descansar depois das refeições, que era um costume que eles tinham antes de entrar na fábrica. Por mais que a empresa construa regras no sentido de controlar o trabalhador, estes por sua vez constroem mecanismos pra driblar as “*normas*”, como dizer que “*tôbebim*” para não retornar à fábrica após ter passado o dia inteiro no trabalho.

É significativo como o entrevistado recorda também a falta de alguém para substituí-lo caso faltasse ou pensasse em sair do trabalho:

A gente ficava muito preocupado por que não tinha outra pessoa pra substituir o trabalho da gente, por que ali quando eu falava em sair de lá, eles reclamava, ai eu dizia: a culpa é de vocês, por que quer dizer que seu morrer hoje a fábrica vai fechar?⁸⁶

⁸⁴ Francisca Teixeira. Op. cit.

⁸⁵ THOMPSON, E. P. Op. cit. 288.

⁸⁶ Raimundo Teixeira. Op. cit.

Embora relate que seja uma condição ruim, por não ter como faltar, o entrevistado considera que também seja “*bom né, pelo menos eu tava seguro*”⁸⁷. Por outro lado, com apenas uma pessoa para a realização dessa atividade, no caso seu Raimundo, reflete o controle da empresa frente o trabalhador, que por sua vez, vê-se na condição de seguir a disciplina e com a finalidade de garantir sua permanência no local de trabalho.

O ambiente fabril em que esses trabalhadores dedicaram parte de sua vida era marcado pela poeira do algodão, juntamente com o barulho dos teares e pela falta de ventilação e iluminação, sujeitos, muitas vezes, às doenças e acidentes de trabalho. Nesse sentido, dona Irene fala sobre os acidentes de trabalho, segundo ela no setor da tecelagem não era muito comuns, “*às vezes machucavam um dedo, uma coisa assim*”⁸⁸, no entanto, os outros setores eram considerados mais complicados, pois as máquinas eram “*mais veloz e mais perigosa*”.

Na sequência ela conta sobre os momentos em que trabalhou no setor da fiação, em que relata sobre a dificuldade de trabalhar com o algodão, pois era “*algodão na cara, entrando nos nariz*”⁸⁹. O barulho também incomodava, tanto que a depoente relata que chegou a perder a audição de um dos ouvidos. De acordo com a entrevistada eram 180 máquinas e a medida de um salão para o outro era apenas uma parede. “*Era barulho que você ia passando e chega estremecia o chão*”.

Depoimento semelhante é o de seu Jonas, que conta que mesmo com máscaras e protetor de ouvido, muitos trabalhadores perdiam a audição. No seu caso, adoeceu de pneumonia. Certamente adquiriu a doença devido à pluma do algodão, pois era na época que realizava serviços de mecânico, consertando as máquinas. Na mesma narrativa ele relata as dificuldades enfrentadas para a empresa lhe dar assistência quando adoeceu de uma hérnia de disco e de problema de coluna. Após passar noventa dias afastado, por conta desse problema, quando retorna a fábrica é obrigado a realizar as mesmas tarefas pesadas que fazia antes de adoecer.

Para seu Raimundo as condições da fábrica não eram motivos para reclamações, o que acontece, segundo ele, é que “*de todo jeito as pessoas reclama*”⁹⁰. Este trabalhador então ressalta que como já estava acostumado com o serviço e com o setor, não reclamava sobre a “condição do trabalho lá, por poeira, por barulho”. Relata também que “eu era consciente do meu trabalho”. Dependia, no caso, do cuidado do trabalhador, pois eles iam “esclarecidos da

⁸⁷ Raimundo Teixeira. Op. cit.

⁸⁸ Maria Irene. Op. cit.

⁸⁹ Idem.

⁹⁰ Raimundo Teixeira. Op. cit.

realidade”. O Narrador percebe as condições de trabalho em que está inserido. Embora sua narrativa seja construída no embate com outras situações, e, nesse sentido, talvez esteja comparando com sua atividade no campo, na qual as coisas eram mais difíceis do que no ambiente fabril e por isso faça questão de ressaltar que “eu não tinha nada a reclamar”. O que nos instiga a questionar até que ponto nos habituamos a diferentes disciplinas⁹¹, ou querendo sua função, era obrigado a realizá-la.

Os depoimentos também falam sobre os problemas, o salário sempre baixo (apesar do não atraso aos pagamentos), uma pequena revolta pelas situações vivenciadas e que teve o desfecho com as demissões e o fim da fábrica. O que nos leva a refletir de acordo com o texto de Rinaldo Varussa de que “*como padrões e perspectivas de vida e de trabalho se constroem no presente*”⁹².

As mudanças sobre as quais os trabalhadores relatam aconteceram durante a década de 1990. O arrendamento das Indústrias Coelho S/A deixou muitos trabalhadores desempregados e em causas trabalhistas na Justiça do Trabalho. Essas mudanças vão desde perdas financeiras até as mudanças no gerenciamento das relações com os funcionários. Não é nosso objetivo apresentar todo o processo de transformações pelos quais passou a Indústria Coelho, mas evidenciar como esses trabalhadores perceberam essas mudanças.

O corte de funcionários ocorrido no ano de 1990 afetou muitas pessoas. Algumas permaneceram na fábrica, mesmo com as mudanças de gerenciamento, outras seguiram adiante, continuaram suas vidas em outras atividades. A fala de dona Francisca é significativa, nesse sentido, ao dizer o que fez após sua saída da Indústria Coelho:

Eu sai em setembro, quando foi em dezembro eu já tava trabalhando lá no centro, numa lojinha de costura, ai daí pra cá eu não parei mais não, saindo de um emprego e entrando noutro... Eu tô trabalhando com costura, de dia fora e de noite em casa.⁹³

É possível observar como esses trabalhadores estão se percebendo após a saída da fábrica e as quais suas opções para seguir adiante. Assim, o trabalho se apresenta como uma necessidade e é por meio deles que os sonhos são realizados. Com o salário que recebia na indústria, o qual ela enfatiza “*fazia mais de salário*” foi possível a compra da máquina de

⁹¹ THOMPSON. E. P. Op. cit. P. 300

⁹²VARUSSA, Rinaldo José. **Catadores de papel em Marechal Cândido Rondon, PR**. Memórias, narrativas, experiências de vida e de trabalho. In MACIEL, Laura Antunes. (et al) **Outras história: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho D'Água, 2006. P. 112

⁹³ Francisca Teixeira. Op. cit.

costura, o que a proporcionou as atividades em casa após a saída da fábrica. Atualmente, a entrevistada ressalta que trabalha em uma loja de costura no centro da cidade e faz costuras na sua residência também nos horários vagos. Por isso, ao se lembrar da indústria, apesar das condições da época, “*era mais difícil, mas era mais fácil*”.

Alguns sonhavam com a possibilidade de voltar a trabalhar na indústria, como dona Irene, que no ano de 1980 teve que pedir demissão por conta da gravidez do filho mais velho e não tinha com quem deixá-lo para continuar trabalhando. Após o arrendamento da indústria, ela tem a possibilidade de retornar ao serviço, com a ajuda de um conhecido que era o encarregado do setor onde trabalhava antes. A entrevistada chama a atenção em sua narrativa para as transformações que afetaram as relações de trabalho dos trabalhadores da Indústria Coelho: “*Vixe como aqui tá diferente, já notei tudo... ali você falava com uma pessoa se fosse preciso.*”⁹⁴

Após voltar ao antigo local de trabalho, dona Irene conta sua percepção em relação às mudanças no gerenciamento. Certamente o “*bom relacionamento*” dos anos iniciais, em que a maioria se encontrava na mesma fase de adaptação, após a saída do meio rural, agora havia se tornado diferente, cada um por si, “*era cada um em seu canto, em seu lugarzinho de trabalho*”⁹⁵. A mudança de gerenciamento, em que muitos foram demitidos e com isso a diminuição da mão de obra, afetou o ambiente de trabalho. Assim, a rotina já não era mais a mesma. Mesmo assim, dona Irene diz ter permanecido até o fechamento da fábrica. Segundo ela, depois que a fábrica se transformou em “cooperativa”, as normas se tornaram mais rígidas. Podemos supor que como a indústria estava em crise financeira estivesse intensificando o ritmo de trabalho, para uma maior quantidade de produção e consequentemente maiores lucros com menos trabalhadores.

Os trabalhadores sentem a dor, pois seus direitos trabalhistas não foram respeitados, como dona Irene, que conta que na época que perdeu a audição de um dos ouvidos e não conseguiu se aposentar:

Quando nós foi colocar os direitos lá, eles alegaram, o Firmino (encarregado) velho disse que lá onde nós trabalhava não tinha ruído, era com os ouvidos tampados direto e o barulho comendo, que a gente não podia nem conversar. Aí não acusaram que a gente tinha.⁹⁶

⁹⁴ Maria Irene. Op. cit.

⁹⁵ Idem.

⁹⁶ Idem.

Além de não ter conseguido também a aposentadoria por idade, pelo fato de ter trabalhado na indústria. Fora essas questões, no qual a entrevistada relata que *“atrapalhou por umas partes, mas por outro foi bom, na época que eu precisei não tinha por onde mesmo”*. Talvez por que o momento de retorno às atividades na indústria foi o mesmo período que se separa do marido e tem que tomar de conta da casa e dos três filhos.

É interessante como Dona Irene relata os fatos, sempre valendo de uma comparação, indo e voltando no tempo, *“quando eu entrei era de uma maneira, quando voltei já era de outra”*⁹⁷. Buscando fundamentos em sua fala, ela avalia a mudança de salário nos anos iniciais em relação à mudança de gerenciamento: *“pra tu vê quando era a indústria mesmo era outra coisa, ganhava mais de salário”*. Assim, estas mudanças identificadas pelos trabalhadores e justificadas a partir de diferentes explicações, a cerca das mudanças nos ocupantes dos cargos administrativos ou nas mudanças nos ritmos de trabalho e nos salários, são explicações compartilhadas também por outros trabalhadores, que parecem contribuir para a valorização dos outros tempos vividos anteriormente. Yara Khoury, nos alerta para que a partir do olhar do ir e vir constante do presente e do passado e para o presente, busquemos os significados e sentidos impregnados nas narrativas e nas memórias⁹⁸. Atualmente dona Irene conta que exerce atividades domésticas em casa e sobrevive com a ajuda dos filhos.

Nesse mesmo sentido surge a narrativa de seu Raimundo Teixeira. Assim como dona Irene, mesmo tendo trabalhado em setores com poluição sonora lhe foi negado à aposentadoria. Sua trajetória revela a de outros trabalhadores que após anos de contribuição à previdência social, esta não lhe garante uma aposentadoria. A narrativa de seu Raimundo é carregada de decepção e revolta, associada ao tempo dedicado de trabalho. Ele relata que *“entrou como um analfabeto, pessoa que sai da roça e sai como um profissional, era pra ter um salário melhor no final, uma aposentadoria”*.⁹⁹

Após a saída da indústria muitos trabalhadores seguem a diante. Seu Raimundo Teixeira informa que passou a trabalhar como moto táxi. Sobre sua saída ele ressalta que seu encarregado *“pensava que ia morrer de fome”*¹⁰⁰. No entanto, ele conta que não teve mais interesse em realizar outra atividade formal, pois quando saísse da fábrica já pensava no aposento e sair *“daquela vida vigiada do trabalho (...) e enfadei de trabalhar”*, daí a opção de trabalhar por conta própria.

⁹⁷Francisca Teixeira. OP. cit.

⁹⁸ KHOURY, Yara. Op. cit. P. 31.

⁹⁹ Raimundo Teixeira. Op. cit.

¹⁰⁰ Idem.

Outros trabalhadores, segundo o depoente, saíram como “*chefões*”, como seu primo que “*entrou trabalhando de ajudante lá, varrendo, depois passou para ajudante lá na oficina, depois mudaram lá pra tecelagem e aí por diante*”. Mesmo não tendo saído da indústria com uma melhor função hierárquica, seu Raimundo mostra sua visão de mundo dizendo que “*as coisas não são pra todo mundo*”.

A narrativa do seu Raimundo Teixeira é sempre construída com o uso de um exemplo para que o entrevistador entenda o sentido que quer se fazer entender durante a explicação, “*naquele tempo quem ganhasse um salário mínimo dava pra viver bem... Hoje não vale nada*”¹⁰¹. A perspectiva de uma vida diferente se manifesta a partir da elaboração do passado. Atualmente seu Raimundo informa que conseguiu o direito a aposentadoria por idade e recebe o aluguel de algumas casas que possui no bairro em que reside.

Na mesma direção, encontramos a narrativa de seu Jonas. Ao trabalhar na Indústria Coelho S/A o depoente conta que a aposentadoria era um dos sonhos. Como ele informa que “*já ouvia falar em aposentadoria por tempo de serviço, aí a primeira coisa que me veio na ideia era que ia me aposentar*”¹⁰².

No entanto, seu desejo não foi realizado, a tão sonhada aposentadoria não foi possível. A partir do seu relato, compreendemos as expectativas, as frustrações de um trabalhador, que após 23 anos trabalhando, a aposentadoria era seu maior desejo.

Após a morte da esposa, seu Jonas informa que pediu demissão da indústria. Com o passar do tempo o depoente viaja para São Paulo em busca de trabalho e quando volta, torna-se proprietário de um bar próximo nas mediações da Indústria Coelho e casa-se novamente dando continuidade à família. No ano de 1998 volta a trabalhar na indústria, que então já se encontrava arrendada. Ele compara os primeiros anos de trabalho na indústria com o ano que retorna: “*de primeiro você tinha 13º, você tinha férias, tudo que fosse direito, tinha promoção, alteração de salário*¹⁰³...”. O entrevistado ressalta que o salário que ganhava na indústria dava pra sobreviver, mas em relação ao do chefe, que por sua vez “*ganhava mais, já ia era comprar era coisa melhor, era carro, outras coisas*”. Bens materiais que para ele, durante os anos de serviço na indústria não foram possíveis de adquirir. Embora faça questão de ressaltar que “*aqui não tinha um lugar pra ter um salário melhor que a Indústria Coelho*”. Mesmo que fosse pouco, ele sabia que ao chegar ao final do mês ia receber e podia contar

¹⁰¹ Raimundo Teixeira. Op. cit.

¹⁰² Jonas Teixeira. Op. cit.

¹⁰³ Idem.

com aquela quantia para a sobrevivência da família, ao contrário de “*antigamente eu trabalhava na roça, sem ganhar nada né*”.

Quando a Indústria fecha, como havia herdado parcela de terra com a morte do pai, o mesmo retorna ao meio rural e atualmente informa que não tem muita produção na roça, mas “*conserva algum animalzinho*”¹⁰⁴. Com a venda de alguma das propriedades o mesmo tem a chance de reformar a casa e comprar um automóvel. Sendo que a atual esposa ajuda na renda da família vendendo bijuterias e salgados.

Diferente dos outros entrevistados, seu Raimundo Holanda consegue a aposentadoria por tempo de serviço. Quando ainda era presidente do sindicato de trabalhadores têxteis renuncia ao cargo para se servir da garantia da aposentadoria. Ao ser interrogado sobre como sobrevive atualmente o entrevistado informa que “*ainda hoje eu sou ligado ao interior, a parte rural, agrícola né, me aposentei e acabei voltando para cá novamente*”¹⁰⁵. Após o fechamento da fábrica é nomeado pelo juiz da vara do trabalho para fiscalizar as máquinas e os bens que restaram na indústria. Avaliando sua vida profissional conclui que “*foi bom, pra mim foi bom que tanto é que eu cheguei até a me aposentar*”.

As conquistas na Indústria, que se traduzem na casa própria, ter uma aposentadoria, são ganhos que seu Raimundo valoriza. Nesse sentido, a vida hoje na zona rural seria muito diferente daquela dos dias passados, em que ele precisava trabalhar. Hoje seu Raimundo considera que a vida melhorou, os filhos estão criados e trabalhando, ele mora em sua casa própria e está aposentado.

São os próprios trabalhadores, em seus relatos que nos mostraram, na maioria com a voz embargada, a frustração diante da expectativa de tentar construir um futuro diferente de sua trajetória passada. Para muitos, foi apenas um trabalho conseguido em um momento difícil. Entretanto, há aqueles que ao ingressarem nesse trabalho, em alguma medida se sentem parte do local em que trabalharam. Percebemos também que mesmo que as questões colocadas sejam as mesmas, há uma individualidade nas respostas. E ainda, que o processo de constantes mudanças que atinge as relações de trabalho é baseado nas relações sociais de disputas e de resistências pelos trabalhadores que estão partilhando de tais mudanças em suas vidas.

¹⁰⁴ Jonas José Teixeira. Op.cit.

¹⁰⁵ Raimundo Holanda. Op. cit.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos compreender os significados presentes nas memórias dos trabalhadores têxteis de Picos. Procuramos reconstituir em princípio, suas perspectivas de vida e de trabalho, na busca de compreendermos os significados elaborados em torno daquele momento, quanto construídas no presente em que estão inseridos, em relação ao seu lugar social nos dias de hoje, após o fechamento da fábrica. A partir disso procuramos recuperar qual o papel social desses trabalhadores em Picos antes da indústria. O que encontramos foi a maioria tendo origem nas pequenas comunidades da cidade, praticando a agricultura tradicional. Baseados no sentimento de insatisfação pessoal frente à condição de trabalho anterior, esses trabalhadores construíram aspirações baseadas e justificadas em suas escolhas nos direitos trabalhistas e de estabilidade de remuneração. Diante disso, temos a imagem de pessoas sonhadoras, esperançosas, diante à contratação da mão de obra, desejando uma vaga na fábrica. O desejo de um status, declarar ter uma profissão reconhecida, fazia parte dos valores traduzidos na entrada na fábrica. A vida na indústria é marcada pelo desejo de mudar de vida, almejavam oportunidades, sonhavam com a possibilidade de algum conforto, de segurança material, mas que nem sempre foram concretizados. A imagem de um operário que tinha bom salário, estabilidade e status social com a chegada da fábrica foi aos poucos desaparecendo até tornar-se apenas mais um emprego na cidade. Embora a memória dos tempos vividos na indústria continue vivas em suas lembranças.

Em seguida, observamos a imagem que a sociedade picoense projetava sobre o trabalhador da indústria. A partir disso procuramos desvendar os sentidos, os significados que o trabalho na indústria adquiriu para esses trabalhadores. O que percebemos foi que nos discursos jornalísticos da época, as matérias propagavam expectativas de prosperidade a ser alcançadas com o ritmo industrial na cidade. As matérias divulgavam com bastante positividade que *“no período compreendido de julho de 1976 e junho de 1977, foram pagos 8.000.000 de cruzeiros em salários a uma média de 600 funcionários”*¹⁰⁶. Divulgavam os “benefícios” que tal atividade pode acrescentar para *“desenvolver o lugar”*. Aumento da renda da população, crescimento de empregos através do fortalecimento industrial. Os “benefícios”, mediados por tais discursos de positividade, impulsionaram as expectativas dos trabalhadores picoenses, assim como também os trabalhadores de vários municípios, que partilhavam das atividades

¹⁰⁶Jornal Macambira. Dezembro de 1977.

agrícolas, disputa presente no confronto entre a imagem positiva da atividade industrial e do modo de levar e organizar suas vidas.

Ao acompanharmos as trajetórias de vida desses trabalhadores, o que percebemos é que as relações de trabalho foram afetadas com essas mudanças, o ambiente de trabalho em que se tinha um ar de familiaridade, onde as pessoas tinham mais tempo de convivência, de relações de amizade e companheirismo, agora se torna um ambiente formal. O ritmo de produção nos anos iniciais era bastante alto e com isto, aumentou a intensificação do trabalho na indústria. Entendemos que há uma identificação do trabalhador diante a exploração do trabalho, no entanto, as pessoas vivem situações de sujeição, enquanto buscam sua sobrevivência.

Os trabalhadores têxteis foram desafiados a aprenderem sobre a disciplina fabril, na tentativa de se tornarem capacitados para suportar as exigências existentes no interior da fábrica. Para livrar-se da opressão, são criadas diferentes estratégias, desde a demora nos banheiros, até a resistência em não retornar ao trabalho no seu horário de descanso.

Entendemos que, na trajetória de suas experiências, os trabalhadores desta pesquisa, demonstram uma grande capacidade em lidar com as situações muitas vezes conflituosas, enfrentadas cotidianamente. São pessoas que sempre precisaram trabalhar, cujas experiências não foram unicamente como trabalhadores do ramo têxtil. A maioria trabalhou no campo e em determinado momento de suas vidas compartilharam o mesmo trabalho têxtil. Alguns tentando fugir das condições precárias do campo, ou simplesmente pelo desejo de outra possibilidade de vida se estabelecem na indústria em busca de oportunidades para si e para a família.

Alguns dos entrevistados são, hoje, aposentados por tempo de serviço ou por idade. Outros ainda buscam a garantia da aposentadoria, mas todos experimentaram do trabalho na indústria. Criaram estratégias e práticas de sobrevivência para viver bem diante do controle sistematizado da fábrica, superando as dificuldades que marcaram sua entrada no ramo fabril.

Atualmente o local onde funcionava a Indústria Coelho S/A, está fechado. O fechamento da fábrica contribuiu para uma dispersão de trabalhadores e de suas memórias. Lembranças dos sonhos de trabalho de muitas pessoas, assim como também em torno da idealização progressistas que a chegada da indústria têxtil representou para a cidade. Elaboradas no momento presente em que estão vivendo, as memórias sobre o trabalho na indústria são recordadas como sentimento de falta para quem trabalhou praticamente por toda uma vida nesse local, que em meio a dificuldades, foi onde tiveram o sustento de sua família. Essa percepção é bastante visível como vemos na fala de um dos trabalhadores: *Eu sinto*

falta? Sinto, como não faz falta só a quem trabalhou lá dentro não, faz falta a quem vivia aqui e vivia do comércio... Hoje tá fazendo falta. (Raimundo Teixeira). Os entrevistados elaboram suas narrativas daquele espaço fabril percebido hoje, evidentemente com o olhar do presente para o passado, sendo assim o que vemos de forma constante em suas falas é que com o fechamento da fábrica, seus sonhos foram perdidos.

Foi na indústria que muitos trabalhadores tiveram acesso a casa própria, a algum automóvel, bens materiais que para essas pessoas são conquistas importantes, que foram adquiridos a partir do seu trabalho diário. Percebemos que a maneira como cada um percebe as transformações tem muito a ver com o local que ocuparam dentro da indústria.

A maneira como relembram suas experiências, nos mostra formas diferenciadas de viver o cotidiano na fábrica, a maneira única de cada trabalhador de sentir a exploração e o prazer do trabalho.

Nas muitas histórias contadas, vemos alguns trabalhadores vivenciando o chão fabril como um espaço onde foram felizes, onde jogavam conversa fora, onde alguns se sentiam insubstituíveis, pois eram chamados a qualquer hora para resolver os problemas internos das máquinas. À medida que vai se problematizando as narrativas dos trabalhadores entrevistados percebemos uma discordância, as diversas maneiras de viver e interpretar o vivido. Nesta perspectiva, entendemos o momento vivido pelos trabalhadores de modo a considerar a heterogeneidade de suas vivências e dos conflitos e constituição de modos de vida na indústria.

Consideramos a memória como fonte principal para retratar a experiência desses sujeitos, por isso procuramos desvendar resquícios de suas vivências e lutas cotidianas e o que encontramos foram pessoas com vontade de persistir lutando por dias melhores, que mesmo diante da saída da fábrica continuaram procurando meios de sobrevivência, alguns até mesmo retornam ao emprego informal, trabalhando como moto taxistas, fazendo costuras, mas todos com a coragem de seguir a diante.

Espero que através desse trabalho seja possível pensar os sujeitos sociais dentro de suas práticas, considerando suas trajetórias e pluralidades através de suas narrativas. Sobretudo, espero que possamos refletir a cerca dos valores, dos sonhos, das perdas, das derrotas e do reconhecimento de que essas pessoas fazem sua própria história e que não se pode deixar de registrar suas memórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Paulo Roberto. “Cada um tem um sonho diferente”: Histórias e narrativas de trabalhadores na luta pela terra. *In*: MACIEL, Antunes; (etall) **Outras história: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho D’Água, 2006. P45-60.

ALVES, Marli Costa. **História e memória das Indústrias Coelho SA**: labor e cotidiano dos operários de Picos (1970-1999). 2012. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal do Piauí.

ANTUNES, R. **As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital**. Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 03 de Novembro de 2013.

_____. **Os Sentidos do Trabalho**: Ensaio sobre a Afirmação e a Negação do Trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

COUTO, Ana Mágnã, Silva. **Cotidiano e sobrevivência**: falas e memórias de catadores de papel na cidade. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/CMS/ccms09.htm>. Acessado em 10 de Agosto de 2013.

CRUZ, Heloísa Faria. PEIXOTO, Maria do Rosário. KHOURY, Yara Aun. Introdução. *In*: MACIEL, Antunes; (etall) **Outras história: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho D’Água, 2006. P. 9-22.

FENELON, Déa. *Apresentação*. *In*: MACIEL, Antunes; (etall). **Outras história: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho D’Água, 2006.p. 5-9.

KOURY, Yara. “O Historiador, as fontes orais e a escrita da história”. . *In*:MACIEL, Antunes; (et all) **Outras história: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho D’Água, 2006.p. 22-44.

PORTELLI, A. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro: vol. 1, nº. 2, 1996

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**: a árvore da liberdade. v. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. .

_____. *Costumes em Comum* : estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

_____. “tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial”. *Costumes em Comum* : estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.p. 267-304.

VARUSSA, Rinado José. **Catadores de papel em Marechal Cândido Rondon, PR.** Memórias, narrativas, experiências de vida e de trabalho. In ALMEIDA, P. etalli (org.) **Outras história: memórias e linguagens.** São Paulo: Olho D'Água, 2006.p. 100-114.

_____. **Construindo identificações com a empresa e com o trabalho:** trabalhadores metalúrgicos da região de Jundiaí-SP (décadas de 1960 a 2000). Disponível em: <http://www.estudosdotrabalho.org/texto/gt7/construindo.pdf>. Acessado em 07 de Agosto de 2013.

WILLIAMS, R. **O campo e a cidade:** na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FONTES DA IMPRENSA

Jornal “Macambira” entre os anos de 1977 a 1982:

MACAMBIRA. ICSA, O NORDESTE INDÚSTRIAL. Picos, Dezembro de 1977.

MACAMBIRA. ICSA PREOCUPA COM O HOMEM. Picos, Outubro de 1978.

MACAMBIRA. CHEFIA E LIDERANÇA. Picos, Setembro de 1978.

MACAMBIRA. I.C.S.A RECEBE VISITA. Picos, Setembro de 1979.

MACAMBIRA. PICOS TEM A MAIOR INDÚSTRIA DO PIAUÍ. Picos, Julho de 1982.

ANEXOS A – Relação dos trabalhadores entrevistados:

Dona Francisca Teixeira

Divorciada, 53 anos, costureira, piauiense, reside em Picos- PI. Trabalhou na Indústria Coelho em 1977 e permaneceu até 1989. Exerceu a atividade de tecelã. Entrevista realizada em 18 de Agosto de 2013 no povoado Malhada Grande em Picos-PI.

Seu Jonas José Teixeira

Casado, 61 anos, piauiense, reside em Picos-PI. Trabalhou na Indústria Coelho em 1975 até 1991, quando viaja para São Paulo, onde passa a trabalhar em uma fábrica de macarrão e em 1998 retorna, permanecendo até o fechamento da fábrica. Exerceu as atividades de operador de caldeira, manutenção, contra mestre e operador de produção. Entrevista realizada em 18 de Agosto de 2013 no bairro Paraibinha em Picos-PI.

Dona Maria Irene

Divorciada, 56 anos, dona de casa, piauiense, reside em Picos-PI. Trabalhou na Indústria Coelho em 1980 até 1989, quando sai por conta da gravidez do filho mais velho e em 2000 retorna e permanece até o fechamento da fábrica. Exerceu a atividade de revisora de tecidos. Entrevista realizada em 01 de Setembro de 2013 no bairro Junco em Picos-PI.

Seu Raimundo Teixeira

Casado, 65 anos, aposentado, piauiense, reside em Picos. Trabalhou na Indústria Coelho em 1975 até 1993, passa um ano fora e quando retorna permanece até o fechamento da fábrica. Exerceu as atividades de pintura, mecânica, tecelagem, urgideira, caldeira, espuladeira e engomadeira. Entrevista realizada em 30 de Setembro de 2013 no bairro Paraibinha em Picos-PI.

Seu Raimundo Holanda

Casado, 58 anos, aposentado, aposentado, natural de Aroeiras do Itaim-PI, reside em Picos. Trabalhou na Indústria Coelho em 1975 até o fechamento da fábrica. Exerceu as atividades de encarregado do setor de montagem de máquinas e presidente de sindicato. Entrevista realizada em 27 de Julho de 2013 no bairro Paraibinha em Picos-PI.